

64 - *Diary*

THEOPHILO PIAS

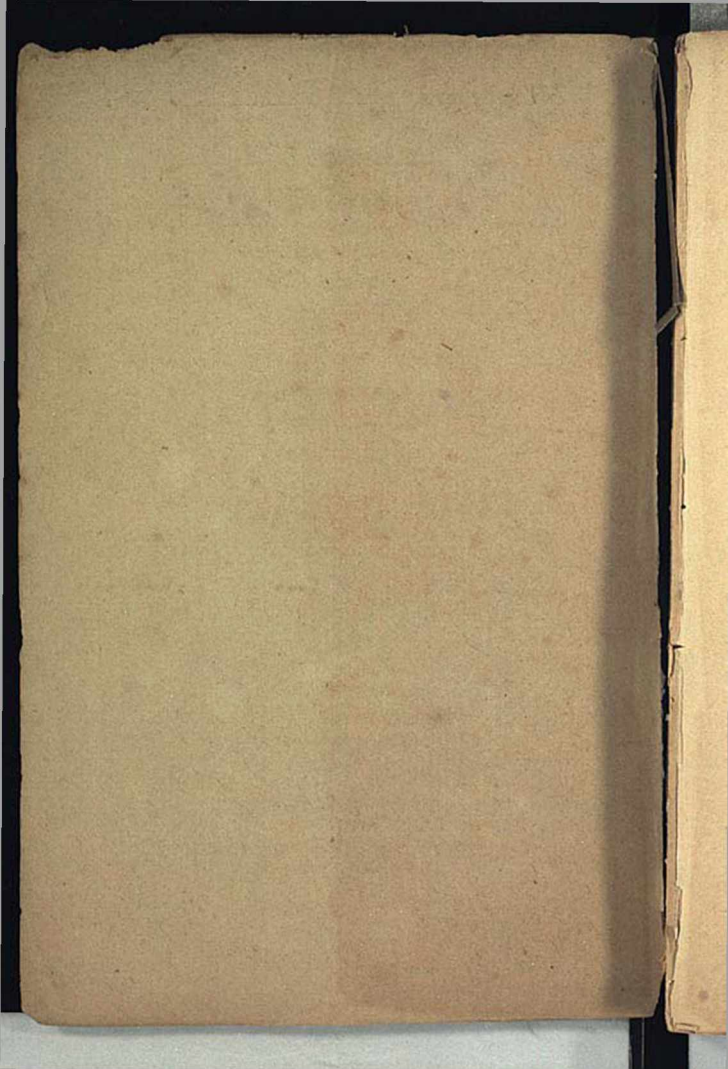
CANTOS TROPICAES

A. L. GARRAUX & C^{ia}
S. PAULO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE
Agostinho Gonçalves Guimarães & C.^{ia}

Rua do General Camara N. 22

1878



1854-1889

CANTOS TROPICAES

REVUE PRODIGES

THEOPHILO DIAS

1854-1889

7?

CANTOS TROPICAES

6098

JFO 2605

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE

Agostinho Gonçalves Guimarães & C.^ª

Rua do General Camare N. 22

1878

THEOPHILUS DAVIS

JFO

0E869.9149

D541c

MIO DE JAHNIVO

LIBRARY OF

George Washington University

2000 Massachusetts Avenue, N.W.

1901

AOS

EXCELLENTISSIMOS SENHORES CONSELHEIROS

MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

E

AFFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO

offerece

J. D.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 101

CANTOS TROPICAES

AMERICANA

A Laurindo Pitta

Nascestes nas brancas praias
Onde o mar suspira e chora
E na alva areia sonora
Brinca de noite o luar ;
O sol que rompe á flôr da agua,
Rugando-a em lucidos frisos,
Pôz toda a luz em teus risos,
Todo o fogo em teu olhar!

Teu labio é botão vermelho
Que se abre tumido, ameno,
Cheio de humido sereno
Que lhe vertera a manhan;
—Jambo que o dia calmoso
Partiu fragrante e corado,
—Rubro nefrito arrancado
Ao kannitar de Tupan.

O filho dos altos montes
Ah ! quantas vezes sombrio
Te segue o passo erradio,
O' filha dos areiaes !
Contando pelos caminhos
Teu rasto rapido, incerto,
Sem receio de estar perto,
Perto—a taba de teus paes !

Muita vez, sem que me vejas,
Amigo vento me lança
O aroma de tua trança
Côr das azas dos annuns ;
E o meu olhar, que te espreita,
Mergulha inteiro — perdido
Do matiz do teu vestido
Entre os plumosos debruns.

Cendy, Cendy, por um beijo
No teu collo arfado, ardente,
Eu dera a maça valente
Que me confere o poder,
E a minha aljava sonora,
Rica de flechas de plumas
Brilhantes como as espumas
Do mar que te vio nascer.

Dera o meu collar de dentes
De quarenta prisioneiros,
E os arcos dos meus guerreiros
Que eu conto por um millar,
Cujas settas, quando passa
Alguma ave pressurosa
Tiram-lhe a penna vistosa,
Que mais me sabe agradar.

Dera-te mais as ygaras
Que das aguas no regaço,
Dos remeiros ao compasso,
Vão por estranho paiz
Buscar as pedras mais lindas,
De côres mais delicadas
Que as tintas enfeitçadas
Do corpo dos colibris.

Dera-te a rêde de pesca
Que em finissimos tecidos
Prende os peixes—seduzidos
De encantado talisman;
Dera combates e festas....
E, si te não basta isto,
Trocára Tupan por Christo,
Si acaso fôras christan !

Nasceste nas alvas praias ;
Eu no cimo da montanha,
Que o sol no oriente banha
Com seu primeiro clarão ;
—A mesma aurora, que tinge
O mar com lucidos frisos,
Derrama luz nos teus risos
E fogo em meu coração.



ESPAÇO E TEMPO

Si eu fôra o espaço profundo,
—O espaço vasto e sem fim,
Para ter-te juncto a mim
Em qualquer parte do mundo,

Tu me verias febril,
—Espelho azul das espheras,
Reflectir as primaveras
De tua alma juvenil.

Foram-te auroras os dias ;
—E os movimentos do ar
Haviam de te embalar
Com celestes harmonias.

Aos teus olhos virginaes
Eu volvêra docemente
Do meu seio transparente
As estrellas immortaes.

E mais bellos que os do Mouro,
Banhados pelo Xenil,
Sobre montes côr de anil
Eu te erguera paços de ouro.

E si eu fôra o tempo, o' flôr,
Não apagava um só traço
Dos teus castellos no espaço
Nem os teus sonhos de amor.

E eternamente passára
Por diante de ti, mulher,
Sem um raio desfazer
De formosura tão rara!



ETERNUM CARMEN

No dia em que te vi, pomba adorada,
No instante em que te olhei, — meu pensamento,
Exhausto viajor, bateu poento
Ao limiar em que te vi sentada.

De longo gyro fonte fatigada
Desfiz-me em lago, e espelho o firmamento,
E ondeando em perpetuo movimento
Beijo-te o collo, praia perfumada !

Viajor, digo á sombra em que me asylo :
Mata-me a febre que meu ser consome !
E—fonte— á praia:— Dize-me teu nome!
Eu quero eternamente repetil-o!



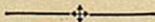
OLHOS AZUES

Na luz que o teu olhar azul transpira
Ha sons espirituaes, inebriantes,
Orvalhados de lagrymas—vibrantes
Como as notas da guzla que suspira.

A harpa, o bandolim, a fruta, a lyra,
As vibrações suaves, scintillantes,
Facetadas, floridas, provocantes,
Do piano que ri, chora e delira,

Não traduzem o rythmo silencioso,
O perfume prismatico, a magia
Do teu olhar inquieto, voluptuoso,

Que me levanta em ondas de harmonia,
Como suspenso manto vaporoso
A' flôr dos mares ao romper do dia!



ESPERANÇA

A Arthur de Oliveira

Raivoso bate o vento no arvoredos,
E de atra cerração no manto frio
Volve-se o dia pluvioso e tredo.

Corre á folhagem tremulo arrepio,
E as folhas amarellas despegadas
Revoltas rolam no pomar sombrio.

Mas, rangendo as raizes estaladas,
Inda resiste a planta combatida
Da ventania ás lugubres rajadas.

Eis a imagem fiel da minha vida !
Em vão lucta-me presa ao pensamento
Do passado a memoria entristecida.

Debalde reviver meus sonhos tento !
Fenece, morre tudo!—e da esperança
Gela-me a fronte o frio passamento.

Meu pobre coração, em paz descansa !
Por traz do nevoeiro o sol—mais puro
Brilha—e promette limpida bonança.

Indifferente a mão do fado escuro
Derrama riso e dôr da vida ao manto :
—Quem não sentiu negroses no futuro,
Nem da frente uma vez cair-lhe o pranto ?



NOCTURNO 4

E' noite ! — A lua formosa
Vem rompendo radiosa
Da superficie do mar,
E as flôres do ether, no espaço,
O brilho pallido, escasso,
Mergulham traço por traço
No vivo, morno luar.

O globo tranquillo, immenso,
Por fio ignoto suspenso,
Rasga as alturas do céu;
Tudo é calmo!—fugidias
As horas humidas, frias,
Voam com azas sombrias,
Batendo o nocturno véu.

Dormes, creança ? Desperta!
As leves roupas aperta
Sobre os seios semi-nús :
Vem vêr as ondas que saltam,
Como de espuma se esmaltam,
E enlouquecidas se exaltam
A's orvalhadas da luz!

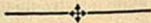
Vem vêr como brilha a areia,
Onde o luar se recreia
Solto em liquidos crystaes;
Vêr como os mares se calam,
Onde as ondinas se embalam,
E suspendidas resvalam
Sobre as pomas sensuaes !

Vem ! acorda ! A noite é queda !
A brisa branda se enreda
Nas moitas de manacás ;
E as flôres enamoradas,
Sobre as hastes inclinadas,
Interrogam-se agitadas
Si acaso tu não virás.

Acorda, o' anjo, depressa !
Já dubia a aurora começa
No horizonte a apparecer !
Trajando roupas doiradas,
Já desce a lua as escadas
Dos seus paços de alvoradas
Para no mar se esconder.

Ah! vem! Da aurora no manto
Côa-se molle quebranto
Tão bello que se não diz,
Quando os labios que se adoram
Tocados —tremem, descoram,
E os olhos o ardor lhes roram
Com terno pranto feliz.

Abre as cortinas risonhas
Do leito, e os sonhos que sonhas
Vem no meu peito acabar!
Vês?—As nuvens que vagueiam
São alvos sonhos que ondeiam,
E palpitantes se enleiam
Nas vibrações do luar!



TEUS CABELLOS

Os anneis de tua trança
Vaporam luar sombrio,
Onde minha alma, creança,
Debate-se em desvario.

Deixa que eu t'a veja solta,
Boiando na espadua nua,
Qual negra nuvem revolta
Sobre o alabastro da lua.

Minha alma é astro apagado
Tão triste que não ha vél-o,
Si não brilha mergulhado
Na noite do teu cabelo.

Quando livre cae-te á planta
Essa onda de negrume,
Todo o meu ser se levanta
N'uma nuvem de perfume!

Em cada fio, que pende
De tua trança caída,
Uma esperança se prende,
—Um anno de minha vida!

E a cada teu movimento,
Si o debil fio se agita,
Vacilla meu pensamento,
—Todo o universo palpita!

Feliz de mim, si eu podera
Expirar n'um desvario,
Respirando a primavera
Do teu cabelo sombrio!



LONGE! MAIS LONGE!

Amei na quadra em que a baunilha tece
A usnea das palmeiras arrogantes,
E o roxo manacá, rindo, floresce
Nas estrelladas frondes sussurrantes;
Em que a oitycica as sombras perfumadas
Com mais frescura alonga nos caminhos,
Em que trinam melhor, mais namoradas,
As cantigas dos ninhos.

Quando, amores primeiros, me fugistes,
As campinas despiram-se de relvas;
A baunilha murchou nos troncos tristes;
Emmudeceu a musica das selvas;
Desfez-se o verde manto dos caminhos
Aos ventos do sertão desenfreados;
Nem mais se ouviram dos sonoros ninhos
Os cantos perfumados.

Mas já de novo, e mais ridente, brilha
O matiz de illusões que os prados junca :
Já reinflora os troncos a baunilha,
E fulge o céu mais limpido que nunca ;
E enquanto tudo volve, o esmalte ao prado,
Ao ninho os sabiás, ao tronco as flôres,
Mais vos perdeis— mais longe ! no passado,
Meus primeiros amores !



TEUS OLHOS

Não ha luz, nem ha luar
Que tenha tanta harmonia,
Como o brilho que radia
Teu languido, humido olhar.

Tenho visto em lagos fur-dos
Tremor o grato clarão
De estrellas que errando vão
Pela abobada dos mundos....

E da agua á ferida flôr,
Banhada de effluvio sancto,
Sóbe a musica de um canto,
Inaudível, sem rumor.

Como placido o ar se alaga
Das vibrações dessa luz,
No teu olhar que seduz
Todo o meu ser se embriaga!

E leva-me esse clarão
A crença inteira embalada,
Como a palmeira sagrada
O índio da tradição.

Como o cinto de plumagem,
Teia de côres subtis,
Aperta as curvas gentis
Da americana selvagem,

Teus olhos, brando collar,
Cinto limpido de auroras,
Prendem-me as teias sonoras
Do teu mavioso olhar.

Muita vez, quando me dás
Que eu te vá seguindo os rastros,
Julgo ouvir um nucleo de astros,
Que dentro em mim se desfaz.

E doces ancias de amor
Voam-me da alma, suaves,
Ben como em bandos as aves
Se erguem de uma arvore em flôr.

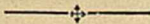
Mas, si a tribu matinal,
Fugindo, sacóde o galho,
Chuva tremula de orvalho
Borrifa o secco areial.

O bando de rôlas mansas,
O orvalho nos areiaes,
São as minhas esperanças
E a dôr de quando te vaes.

Ah! volve-me ondas serenas
De tua luz ideal!
Sejamos um élo apenas
Da existencia universal!

O olhar te prende aos espaços;
Os astros prendem-te aos céus;
Para chegar juncto a Deus,
Basta que eu siga teus passos!

Não ha luz, nem ha luar
Que tenha tanta harmonia,
Como o brilho que radia
Teu languido, humido olhar.



TEU NOME

Brando sôa e flue macio
Como o arroio que serpeia,
Rolando as ondas serenas
Entre margens de assucenas,
Sobre um chão de fina areia.

Simelha o sopro que frisa
De um lago o verde crystal;
Cae do labio e puro trina
Como nota peregrina
De concerto divinal.

Vive meu ser da poesia
Que o teu nome lhe traduz,
E pensa, no enlevo sancto,
Que é—ou luz que se fez canto,
Ou canto que se fez luz!

Eu creio até que uma fada
Da aurora um raio colheu,
Que inda mimoso tremia
A's vibrações de harmonia
Cahidas de harpas do céu.

E no aroma que das flôres
Desprende-se—o raio ungiu ;
E assim luz, perfume e canto,
Por magia, ou por encanto,
No teu nome resumiu.

Certo foi ! nem eu soubera
De outra maneira explicar
Esse composto sublime,
Que tanta doçura exprime
E tanto sabe enlevar!



O RIO DA VIDA

Longfellow

A Aluizio Azevedo

O POETA

Quem és tu ? Quem te impelle e apressura,
Como o infame a quem punge a tortura
De remorsos que na alma retrae ?

A ONDA

Sou a onda do rio da vida,
Que me velvo, do pó denegrída
Que das margens constante me cae.

Rujo estreita na estreita corrente,
E fugindo apressada, fremente,
Vou buscando a amplidão desse mar
Onde acabam-se as ribas que odeio,
E do limo do tempo meu seio
Possa—puro— bater e brilhar.



AMOR DE PRINCEZA

Ulhand

Ao pé do real castello
Passa o formoso pastor;
Vendo-o da ameia, a princeza
Suspira, louca de amor.

« Quizera descer ao prado....
Ah! como as lindas ovelhas
São brancas! — como nas hastes
Brilham as flôres vermelhas! »

Torna-lhe elle: « Ah! que não possas
Vir a mim, transpondo o espaço!
Como os teus labios são rubros!
E como é branco o teu braço! »

E cada aurora, passando,
Fita, batendo-lhe o seio,
A torre, até que alli surja
A causa de tanto enleio.

E estas palavras se trocam,
Cheias de graça e de amor:
« Salve, princeza formosa ! »
« Eu te agradeço, pastor ! »

Foge o inverno ; a primavera
Renasce ; fulgem rosacs ;
O pastor constante passa....
Ella, porém, não vem mais !

E si ainda, entre suspiros,
« Salve, princeza ! » elle diz,
Somente um genio responde:
« Adeus, pastor infeliz ! »



A PARTIDA

A Severino Prestes

A matutina rorida frescura
Brilha caíndo em perolas na relva,
E dos montes o sol, galgando a altura,
O olhar sangrento esparge pela selva.

Agitam brandamente os cajueiros
As sussurrantes folhas encarnadas,
E cantam á porfia nos coqueiros
As jandaias de côres variadas.

Os montes, como piagas somnolentos,
Envoltos nas fumaças dos cachimbos,
Longe vacillam, dispersando aos ventos
Da nevoa fluctuante os pardos nimbos.

Entretanto na ocára inda deserta
A inubia sôa ; ruge o som tremendo,
E a voz, agora cheia, agora incerta,
Longo e longo nos echos foi morrendo.

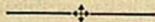
Acóde ao chefe a turba tumultuosa ;
Brandem todos fortissimos tacapes ;
Presos á cinta elastica e garbosa
Rutilam os plumosos enduapes.

Em phrase breve, energica, fervente,
Os motivos da guerra o chefe explica ;
Applaudes, exalta os brios do valente,
Insulta a cobardia do que fica.

Roxos de pranto os olhos feiticeiros,
No entanto as virgens, cheias de anciedade,
Vão ennastrando os arcos dos guerreiros
Com as flôres sentidas da saudade.

Dá-se o signal ; é hora da partida ;
Já nos unidos tremulos cocares
A luz do sol inteira percutida
Parece que se espelha á flôr dos mares.

Partem ; some-se ao longe o mar de pennas,
Da poeira com as nuvens confundido ;
E na taba vazia ouve-se apenas
O chôro das creanças comprimido.



QUANDO FORES AO BAILE

Não te esqueças de mim,—quando enleuada
Escutares no baile a orchestra leda,
Onde os sentidos a harmonia alada
N'um labyrintho de volupia enreda;
E si alguém no gyrar da walsa ardente
Cingir-te ao seio, tremulo, offegante,
Ah! lembra-te siquer que quem te adora
Soluça nesse instante.

Teu par, sentindo, altivo de levar-te,
O calor do teu rosto côr de rosa,
Talvez que com mais força ouse apertar-te,
Cheio de febre, a tua mão mimosa;
Talvez que n'uma phrase lisongeira
Te queime o bafejar dos labios seus;
Talvez te jure amor; talvez.... inferno!
Não o escutes, por Deus!

Não o escutes, por Deus! — e quando á volta
Te despires da roupa perfumada,
E tua fronte angelica revolta
Agitar-se no leito affadigada,
Entre o somno e a vigilia, nesse enleio
Em que o baile nos deixa, — incerto e brando,
Talvez julgues ouvir um murmurio
Tua alma acalentando....

Si a aerea nota te soar no ouvido
Como um echo sympathico, que desça
Do céu para enlevar-te, e tão sentido
Que uma lagryma os olhos te humedeça,
Não te esqueças de mim! — são meus suspiros
Que ao céu, a Deus, ás brisas, confiei;
São os reflexos pallidos dos cantos,
Que ao teu lado entoei.



POEIRA E LAMA

Ao Dr. Americo de Campos

Fogem da noite as sombras,—e dos flancos
Das empinadas serras—pendurados
Volatilisam-se os vapores brancos.

Da luz nascente aos borbotões doirados
Desperta a natureza: um novo dia
Vem augmentar a conta dos passados.

Mais um sonho talvez, uma utopia,
Uma esperança pallida, cansada,
Torna a viver no peito que descria;

Uma illusão depressa desbotada
De ventura fallaz, que esvaecida
Nos leva ao termo da vital jornada.

Mas, sempre forte, a natureza, erguida
A fronte rosea,—do aureo leito salta;
—O sol brilha no céu, na terra a vida.

De flôres ledos o campo a fronte esmalta;
De fresco humor a relva se matiza,
Onde, vibrando, a luz fulge e resalta.

Voam delicias no voar da brisa,
Arde um perfume no brilhar da aurora,
Que os sentidos encanta e suavisa.

Por entre pedras, limpida, sonora,
Geme a corrente sobre um chão de prata,
De onde amena frescura se evapora.

Tu, cujo alto pensar de alto se jacta,
O' homem immortal, contempla, e grita
Na febre do prazer que te arrebatá:

« Tudo o que vejo é meu! » Avido fita
E largo em roda a longa vista lança
Por quanto abrange e soffrega limita.

Ah! goza, enquanto anima-te a esperança,
Emquanto pôdem vêr teus olhos ledos,
Emquanto a mão da morte não te alcança!

Porque dia virá que nos segredos
Da campa ha de colher-te, e mais não vejas
Nem sol, nem céu, nem flôr, nem arvoredos!

E indifferente á causa porque sejas
Encerrado no horror da tumba escura,
E á soidão de que tu cercado estejas,

Nem céu, nem terra, em tua sepultura,
Mais uma baga verterá de pranto,
Medida pela tua desventura.

Nem por ti lançará no aereo manto
Uma nuvem de mais o firmamento,
Nem menos um suspiro a brisa,—emquanto

De pôdres vermes turbilhão sangrento
Ir-te-á roendo na argilosa cama,
Reduzindo-te a lodo e pó nojento,
—Que tu não passas de poeira e lama!



BALLATA

A Honório Franco

Havia outr'ora (com fagueiros raios
O sol nas copas dos palmares brilha)
Linda virgem, de estirpe nobre filha,
Que de pobre donzel se enamorou;
Conheceu-lhe a donzella o altivo peito
Sob o gesto gentil, e estremecida
Ardeu por dar-lhe eternamente a vida,
—Porque amor sempre o mundo dominou.

Viram do sol com ancia a luz primeira,
—Que brilhava na copa dos palmares,
E antes da noite, a noite dos pezares,
Da ventura murchára-lhes a flôr:
Sombrio peso de fatal desgosto,
De interna, profundissima agonia,
Caiu-lhes na alma, antes do fim do dia,
—Posto que o mundo dominasse amor.

A' virgem dera o pae collar e joias,
—Nos palmares ainda o sol brilhava ;
Mas o orgulhoso irmão, que se affrontava
De taes amores, nada lhe quiz dar ;
Preferiu offertar-lhe em aurea taça
De vinho traiçoeiro a morte fria,
Que o intimo rancôr mal lhe soffria
Vêr sempre amor o mundo dominar.

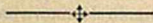
Porque tanta perfidia ?—A noiva tinha
Terras, bosques e prados—nos logares
Onde o sol doira a copa dos palmares,
—Basta opulencia que de avós herdou ;
E o rancoroso irmão, soberbo e fatuo,
Que morta a preferia vêr—primeiro
Que unida ao bello e humilde cavalleiro,
—De assassinal-a, barbaro, assentou.

Mal tinha a taça (com fagueiros raios
O sol na copa dos palmares brilha)
Tocado aos labios, do opulento a filha
Tragou subito a morte no licôr :
Agitou-se anhelante e suffocada,
Os olhares vidraram-se-lhe baços,
E do amante infeliz morreu nos braços,
—Porque inda o mundo dominava amor.

Traspassado de dôr no mesmo sitio,
Onde o sol brilha na palmeira brava,
O desgraçado amante um ferro crava
Do irmão no peito.—Assim possa acabar
Quem contra corações, que se amem, lucte!
Quem separar pretenda os que se adorem!
Nem olhos ache que por elle chorem!
—Possa amor sempre o mundo dominar!

Depois, cingindo a espada, lá nas terras
Onde o sol doira a copa das palmeiras,
Partiu-se para terras estrangeiras,
Onde a guerra de louros o colmou:
Quanta gloria enflorou-lhe a curta vida,
Morrendo ao fio de inimiga espada,
Toda votára á amante idolatrada,
—E inda senhor do mundo amor ficou.

Vós que ouvistes de mim, fieis amantes,
(O sol rutila do palmar nas franças)
A historia das miserrimas creanças,
Que approuve a amor do mundo arrebatat,
Orae por suas almas innocentes!
Mas que ninguem deplore-lhes a sorte!
Si a terra os separou—liga-os a morte!
—E ha de amor sempre o mundo dominar!



LUZ E POEIRA

A Arthur Barreiros

Quando paira a lua calma
Pela vasta immensidade,
Hora em que as petalas da alma
Bate a brisa da saudade,

Em que das nevoas errantes
Treme o véu incerto e leve,
Como suspiros brilhantes,
Como soluços de neve,

Qual da luz ao peso o lyrio
Curva, e esgota o collo cheio,
Tambem de estranho martyrio
Exhala o pranto meu seio.

São as lucidas chimeras
De outr'ora,—mundos risonhos,
Branços diluvios de sonhos
De passadas primaveras.

De minhas rôtas auroras
Me vão passando em segredo
As constellações sonoras,
Que se partiram tão cedo.

De novo traçada, a curva
No céu de minhas lembranças
Imprime a lagryma turva
De finadas esperanças.

Batendo as azas na treva,
Aves do meu pensamento,
Onde arrastadas vos leva
O sopro errante do vento?

Passae, castellos brilhantes,
Que ideei na phantasia!
Ondas de pó inconstantes!
Notas de extincta harmonia!

Sombras de sol apagado!
Perfume de murchas flôres!
Larvas de sonho gelado!
Fatuos phantasmas de amores!

Correi no meu pensamento
Bem como espectros funereos,
Pisando o marmor poento
Das lousas dos cemiterios!

Visões lucidas e tredas
De tanto ideal desfeito,
Não acordeis !—durmam quedas
As illusões— no meu peito.



A HARPA

(Moore)

Esta harpa com que suspiro
Por ti, o' candido lyrio,
Contam que outr'ora nas ondas
Tambem chorou seu martyrio.

Era uma sereia. Vinha
Por noites de almo luar
Vêr nas praias encantadas
A causa do seu penar.

Mas com peito inamolgavel
Elle via o amor, e os cantos
Ouvia — á que lhe ensopava
O aureo cabello com prantos.

Um dia o céu, apiedado
De seus anceios e maguas,
Bondoso em harpa converte
A linda filha das aguas.

Solta-lhe os longos cabellos,
Que nos braços espalhados
Vibram sons melodiosos
Em cordas de oiro mudados.

Mas sorriso, graças, alma
De mulher lhe conservou,
Quando o corpo da sereia
Em harpa se transformou.

Ahi tens porque minha harpa
Tem transfundido atégora
No ledo canto amoroso
Triste cantar de quem chora.

Mas dirá de hoje por diante,
Por amor á variedade,
Perto de ti—meus ardores,
E longe—minha saudade.



PRESENTIMENTO

Quando passares, bella pensativa,
Pelas ruas sombrias do «Passeio»,
Emquanto a brisa palpitante, esquiva,
Beber-te o aroma virginal do seio,
Revedo os sitios que corri contigo,
Lá nessas longes terras de onde vim,
Lembre-te aquelle que te chora ausente!
Não te esqueças de mim!

Alli deslisa um lago somnolento,
Onde se mira o cysne satisfeito,
E as alvas plumas arrufando ao vento
Ruga aos pés de coral o espelho estreito.
Uma vez, juncto ao lago, as tuas tranças
Soltaram-se revoltas e travessas...
De quem guardou a fita que as prendia,
Querida, não te esqueças.

Outra vez, era á tarde, —tu scismavas
A' luz de tua estrella predilecta,
E a descuido seguindo-a —seguravas
A palpitante mão do teu poeta....
Oh Deus! como era bella aquella perola,
Que dos teus olhos tremula correu,
Onde o sorriso e o pranto se fundiam
Como no iris, no céu!

E eu vi que o teu olhar rompia doce
A espessura do placido arvoredo,
Fitando o mar, que o teu amante trouxe
E que devia t'o roubar tão cedo:
Sentida e muda me chegaste ao seio,
E eu te cingi ao coração, e assim
A nossa voz quebrou-se n'um soluço:
—Não te esqueças de mim!

Ah! que não mente um coração presago!
Nós ambos presentiamos a sorte
Que hoje, longe de ti, saudoso e vago,
Me inflinge as ancias de um viver que é morte!
Mas nunca maldirei, que fôra ingrato,
Meu triste fado e sina immerecida,
E enquanto saiba que de mim te lembras
Terei amor á vida.



EMBORA!

Eu bem sei, oh! bem sei! quando na vida
Já nada mais restar de quem te amou,
A não ser a lembrança entristecida
Dos dias que por ti sacrificou,
Nada mais que o renome de meus erros
E a memoria dos males, que provei,
Inda a calunnia morderá meus restos....

Eu bem sei, oh! bem sei!

Os feros corações que me odiaram
Cavarão entre nós um mar profundo,
E o pó do que te amou, que assassinaram,
Até da campa insultarão no fundo.
Louro de gloria, si adornou-me a fronte,
Coberto de improperios e baldões,
Sem respeito do morto, hão de arrancar-o
Os feros corações.

Hão de negar-me tudo! em vis torpezas
Me enlodarão a palma do talento!
Hão de atirar-me que rojou baixezas
Meu sempre levantado pensamento!
O bulcão da calunnia ennovellado
Contra meus restos rugirá sanhudo,
E almas pollutas, pela inveja eivadas,
Hão de negar-me tudo!

Mas tu has de chorar! por que meu peito
Foi por ti que luctou e succumbiu,
E só da lucta recuou desfeito,
Depois que fibra a fibra se partiu.
Não! jamais poderão dentro em tua alma
Do que te amou a idéa macular:
Hão de no lodo mergulhar meu nome...
Mas tu has de chorar.

Morri por teu amor! O odio alheio
Que me importa, si sinto docemente
Gottejar ineffavel no meu seio
Teu pranto virginal, sincero, ardente?
Embora o mundo esqueça-me e desfolhe-me
A grinalda de glorias flôr a flôr,
Fui satisfeito no mais alto orgulho:
Morri por teu amor!



O ALBATROZ

(Beaudelaire)

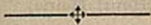
A Arthur de Oliveira

O nauta, muita vez, por diversão, costuma
Apanhar o albatroz, aguia dos mares largos,
Que segue descuidoso a esteira de aurea espuma
Da náu que talha a onda em vortices amargos.

Mal se expõe do convez ás gargalhadas francas,
O heroe, que aos céus vingava os páramos extremos,
Deixa piedosamente as grandes azas brancas
Colherem-se-lhe aos pés, como esquecidos remos.

Como a envergura audaz comicamente agita,
Sem o garbo, o primor, que altivolo ostentava!
Um, mettendo-lhe ao bico um ferro em braza, o irrita;
Outro—invalido—apupa o enfermo que voava!

O poeta é como o rei do ethereo azul profundo,
Que ama os tufões, e fita, em face, o sol radiante:
Da turba exposto ao rir no exilio deste mundo,
Impedem-n'o de—andar—as azas de gigante!



a

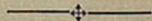
etuma
s largos,
rea espuma
amargos.
s francas,
nos extremos,
orancas
los remos.
ngita,
tentava!
aza, o irrita;
ocava!

A FLOR E O LUAR

(Henri Heine)

A flôr de liz, pensativa,
Libra-se á tona do mar ;
Envolve-a na teia viva
Da luz ridente—o luar.

A flôr, sob o véu da onda,
A rubra fronte retrae....
—Nem acha aonde se esconda,
Que o luar aos pés lhe cae.



ADEU

Adeu! as
Lucido be
E a mere
As purpo
Cae soco
Não rug
E o me

E am
Allog
Enq
Me f
Fug
Tren
Con

ADEUS A MEUS AMIGOS DO RIO

Adeus! adeus! Já tomba o sol nos mares,
Lucido beijo ás vagas imprimindo,
E a merencoria tarde vae nos ares
As purpurinas tranças desparsindo;
Cae socegada a noite, a onda é calma,
Não ruge crespa aos lategos do vento,
E o meu navio placido se embala
No liquido elemento.

E amanha, quando a luz da nova aurora
Affogear a implacidez das aguas,
Emquanto a brisa rapida, sonora,
Me fôr bebendo as suspirosas maguas,
Fugindo á flôr do mar verei de longe
Tremem no arco azul dos horizontes,
Como extensa cadeia de esmeraldas,
De Guanabara os montes.

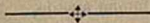
Do soberbo gigante de granito
Ir-se-ão sumindo as graciosas curvas
Como pontos no seio do infinito,
—Emquanto eu fôr cortando as ondas turvas;
E como sóbe a sombra ao vir da noite,
Caindo o sol—do mar na immensidade,
Longe tudo o que amei, brotar-me-á n'alma
A sombra da saudade.

Aqui em sonhos os mais bellos annos
Da minha juventude se passaram;
Que importa que os rompessem desenganos,
Si uma hora fui feliz, quando brilharam?
Aqui —gloria, ambição, ventura, amores
Rebentaram-me a rir no seio ardente,
Como nos climas tropicaes as rosas
Do chão humido e quente.

Foram-se os dias dessas quadras bellas!
Do passado,—do tempo ao frio açoite,
Qual turbilhão phantastico de estrellas,
Cairam na soidão de horrenda noite.
Si inda resta em meu peito uma lembrança
Da inutilmente gasta mocidade,
Só a memoria affagam-me os perfumes
Das flôres da amizade.

Da amizade tão só, que me illudiram
As outras afeições; dentro em minha alma
As crenças nos amores desfloriram,
Bem como as plantas do verão na calma;
Só da amizade, que surgiu risonha
Do seio morto na exaurida leiva,
Depois que amor mentido lhe bebera
Calor e vida e seiva.

E, pois, sómente a vós que me adoçastes
Meus dias de infortunio e de amargura,
E as sendas do futuro me apontastes,
Quando só me abatia a desventura;
A vós que confundistes vossos sonhos
E visões de esperança aos sonhos meus,
Só a vós no saudoso apartamento
O meu sentido adeus!



LYRA

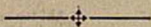
Ledo cantor, na alvorada da vida,
Cantei amor, esperança e porvir;
Sêde insensata de gloria insoffrida,
Cifrei, querida,
No teu sorrir.

Si um céu doirei de ventura affagada,
Todo estrellado de sonhos só meus,
Onde vivesse minha alma arroubada,
Foi, minha amada,
Nos seios teus.

Si do viver pela treva uma estrella
Pedi a Deus, que me fosse luar,
Batendo o horror que o futuro me vela,
Foi, minha bella,
Foi teu olhar.

Hoje qu
Nem cé
Nem já

Hoje que resta em meu peito já morto?
Nem céu, nem luz! E da vida no mar,
Nem já me importa, no meu desconforto,
Chegar ao porto
Ou naufragar!



O DESERTO

A Lopes Trovão

Ah! ton ombre! c'est une foule
qui m'habite!

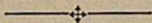
E. Quinet.

Sou um deserto nú, de areias devorantes,
Invio, uniforme, atroz, monotono, sem vida;
No meu paramo azul a luz do sol buida
Revolve a poeira rubra em commoções radiantes.

O vasto oceano adora as ilhas murmurantes;
Os troncos da floresta a sombra florescida;
—Ilha, oásis, frescor, me és tu, palmeira erguida,
Que abrigas a teus pés meus seios arquejantes!

Basta-me a tua sombra! é um mundo que me habita!
A tenda onde se applaca a febre que me agita!
A fonte onde mitigo as sêdes infernaes!

Porque deixar-me só nesta amplidão vasia ?
Que seria de mim, oh ! dize ! que seria
Si um dia, despertando, eu não te visse mais ?



c'est un fr
Quin.
la;
hantes.
;
erguida,
antes!
habita!

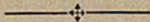
ANDALUZA

De Cadix sob o céu sonhei-te, além do Atlantico,
Onde a volupia ostenta os seios sempre nús ;
Suspirava o luar da mandolina ao cantico,
Esbatendo choroso o pavilhão romantico
Ao lubrico vapor phantastico da luz.

Muitas vezes te vio meu doido pensamento
Entre as veigas fugir, veloz como o bulcão,
Destrançado o cabelo, a roupa solta ao vento,
Em fervido ginete, ativo, suarento,
Soffreando-lhe o ardor a tua fragil mão.

Vio-te no amphitheatro, onde o *torero* pallido
Escuta as ovações do povo aclamador,
E na arena cruel o touro heroico, valido,
Embebe o humor vital, sangrento, rubro, calido,
Ao frio dardo atroz do dextro *matador*.

Porém melhor te amei nas bacchanaes festivas,
Das taças ao tinido, ao brilho dos crystaes,
Estuando-te o collo em pulsações lascivas,
Emquanto vacillante a turba dos convivas
Apalpava ao teu gesto os cabos dos punhaes !



D. JUAN

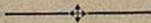
A Muniz de Souza

Oh! weep for the hour!

Moore.

Maldicta seja a hora e malfadado o dia
Em que D. Juan entrou na alcova de Maria!
Andava em meio a noite; e da amplidão do ar
Em nuvens affogado o disco do luar
Do pranto seu vertia a branca somnolencia
Na desfolhada flôr da fragil innocencia.
A nevoa rareou; rasgou-se o espesso véu;
A lua pudibunda e meiga no alto céu
Reacendeu sorrindo a face peregrina;
Mas a nodoa cruel que essa hora de má sina
A' creança deixou, não sei si é dado crêr
Que a propria mão do tempo a possa desfazer.
A neve tapetou com o manto friorento

O trilho que D. Juan tomára no momento
Em que ao limiar da moça os passos dirigiu ;
E já sobremanhan, depois que elle partiu,
Podia-se inda vêr da neve na brancura
O vestigio fatal de uma pizada escura.
Emfim, crescendo o dia, o alvissimo lençol
De neve se escoou, fundido pelo sol.
Despareceu de todo o fugitivo passo
Do ousado D. Juan, do pallido devasso.
Do crime—nem signal ! Não resta uma esperança
Que apague o aviltamento á victima creança :
Nada ! sinão de luz um raio que dos céus
Lhe cae na alma infantil,—um doce olhar de Deus.



GENESIS ESPIRITUAL

A Lucio de Mendonça

A' la g n se de la mati re a succ d 
la g n se de l'intelligence.

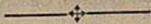
E. Quinet.

Quando o verbo solemne, o espirito sagrado,
Encheu de vida e luz do abysmo as solid es,
Succederam-se logo estranhas crea es
Rojando no cairel do cahos illimitado.

A principio era o esboço, —informes produc es,
O duro masthodonte, o megatherio ouzado,
At  que finalmente o homem foi creado,
—A summa perfei o de suas perfei es.

Em geral-o esgotou-se a entranha da materia.
Mas Deus chamou-o e disse: « O' filho da miseria,
Eu ponho em tua frente o sello divinal!

Tens no seio a procella e o raio, —a treva densa
E a idéa. Continúa a minha obra immensa,
Fazendo eterna a luz na noite do ideal! »



LUCIDA PROCELLA

A Magalhães Castro

Lá vão caindo ao longe as sombras do poente
Com o pesado torpor da palpebra dormente
Dos olhos de um gigante.—A treva horrenda e vasta
No bronzeo, mudo céu, o espesso manto arrasta.
Da tormenta o corcel indomito relincha,
E surdo murmurando o mar as ondas incha,
Implacido leão que os musculos comprime,
Preparando a explosão da colera sublime.
Subito arfam do vento os rápidos pulmões.
Rolam sonoramente os carros dos trovões
Por genios infernaes, sem rumo, arrebatados.
Resaltam-lhe os fuzis dos eixos inflammados.
A serpente do raio, ás soltas, cruza, ondúla.
Voltivolo gyrando um pólo e outro azúla
O instantaneo fulgor, magnetico, febril:

Bramidos de jaguar e curvas de reptil!
Amo-te assim, ó céu! Na treva que te enlucta
Ruge a esphinge da vida,—a tempestade, a lucta!
As convulsões do mar e a musica dos ventos
Propagam no infinito os grandes sentimentos,
Que lavram-te no seio audaz—o odio e o amor!
Quando rasga-te o peito o rispido fragor
Da tormenta cruel, ó céu, eu te bemdigo!
Ah! podesse eu tambem arder, bramir contigo!
—Mandára além do espaço, além da immensidade,
O grito do triumpho, a voz da liberdade!
Formára o meu trovão com o retinir dos ferros
Com que o tyranno estreita a escravidão dos erros!
Levára a toda a parte, a todos os ouvidos,
Um concerto fatal de lugubres gemidos!
E como tu, por fim, em chuva que fecunda
Rompera-se tambem n'uma expansão profunda
O coração do bardo, — em lagrymas a flux,
Que sorvessem o erro em vortices de luz!



CANTICO DOS BARDOS

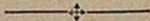
A José do Patrocínio

Erguei-vos, menestreis ! A'quem da aurora,
Jorrando luz do fogo enrubecido,
Parou, de estranha força repellido,
Da altiva liberdade o astro ardente ;
Quando, a traçar a ecliptica brilhante,
Mal roxeava do Brasil as plagas,
Esmoreceu, e lhe apagou nas vagas
A estrada do oriente.

Além ! além ! Da escravidão as trevas
Dissipae, batedores da verdade !
Ide acordar o sol da liberdade,
Que já perto de nós adormeceu !
Adormeceu—mandando-nos um raio,
E somente esse raio rutilante
De Xavier no sangue palpitante
Nossa patria bebeu !

Como a face do sol tomba nas aguas,
Na purpura do occaso amortalhada,
Do martyr a cabeça ensanguentada
Rolou por entre as lagrymas dos povos :
Uma arvore surgiu do chão bemdicto
Onde cahiu seu corpo triumphante,
E dessa arvore olympica, gigante,
Nós somos os renovos.

Erguei-vos, menestreis! Das vossas lyras
Batei com o viril canto as larvas do erro,
E os vossos corações, muros de ferro,
Sejam do oriente os lucidos pharóes!
Marchae, marchae!—Romeiros do futuro,
Vêde!—nos nossos vastos horizontes
Inclinam-se as pyramides dos montes,
Pedindo os seus heroes!



A LOCOMOTIVA

A Marianno de Oliveira

Pela noite do tempo, escura, horrenda e feia,
O corcel do progresso os olhos inflammados
Acende, — sorve a terra, empina-se, e lhe ondeia
Solta—a crina de fumo aos ventos irritados.

Evade-se da aldeia o indio foragido ;
O cantor timorato agita as azas grandes ;
E, enquanto o medo acossa o tigre espavorido,
Recolhe-se assustado aos pincares dos Andes.

Salve, raio de luz brilhante que fulgiste
Do cerebro-vulcão febril da humanidade,
E no teu rutilar de lava lhe imprimiste
Um vestigio que a exalta igual á divindade !

Não queimas o teu seio ao facho da discórdia,
Que offerece ás nações o devorante leito,
Mas harmonia e paz e fraternal concórdia
Propagam os trovões que rugem no teu peito.

Tu levas no teu ventre o enxofre que cerceia
Os ferros que o poder tyrannico nos lança,
A fé que ha de limar dos povos a cadeia
E de vêl-os irmãos certissima esperança.

De um seculo és nascida esplendido em memorias;
Filho d'elle tambem, saúdo-te de novo,
E altivo mais um louro enfeixo a tuas glorias,
E ajuncto mais um bravo ás bemdicções de um povo.



SONHO PHANTASTICO

(Moore)

A Carvalho Junior

Era o sonho gentil, phantastico, risonho,
Em que falla ao poeta a musica. Era o sonho
Que muita vez lhe vem, translucido clarão,
Pejar o pensamento, encher o coração,
Perdido no porvir, no esquecimento, —errante,—
De tudo o que não é o gozo desse instante !
O hymno que o bardo ouviu gemer no mar profundo
Era o mesmo com que elle assignalava ao mundo
A ferrea escravidão do seu paiz formoso ;
E agora transformado em sopro harmonioso
Esbatia-se, além dos vastos horizontes,
Do seu paiz natal nas varzeas e nos montes.
Escutava ! Entretanto ás regiões remotas

Onde a aguia o ninho faz, de cimo em cimo, as notas
Subiam de vagar, saudosas de fugir
Das faldas da montanha.—E para as repetir
Vinham echos de longe em prolongado côro,
Temendo esvaecer-se o cantico sonoro.
Cada limpido som que tremulo espirava
Dir-se-ia que em mais alta esphera despertava,
Lá nos céus, onde a alma eterna da harmonia,
No mundo extincta já, mais bella revivia.
Perdoae, si bebendo á musica o prodigio,
O bardo ouzou sonhar que em magico prestigio
Seu nome se envolveu, sobrepujando o olvido!
Perdoae, si julgou resoar-lhe no ouvido
A voz de um genio altivo a lhe dizer : « Cantor !
Assim tu viverás, dos tempos vencedor,
Graças á voz da fama e á luz de tua gloria!
Tal hoje morrerá, talvez, tua memoria,
Mas esquecida em vão pela turba insensata
Renascera feliz n'outra quadra mais grata,
E hão de os labios da patria um dia repetir
Teus cantos e teu nome atravez do porvir! »



O BAPTISMO DE FOGO

A Affonso Celso Junior

« Sentido, batalhões ! As rutilas bandeiras
Erricem-se no ar, como aguias carniceiras !
Rodar a artilheria á frente do esquadrão !
Meus bravos, preparar ! — e ponde bem á mão
O vosso cartuchame e as vossas escopetas !
Cuidado ! — que não falhe o fogo ás espoletas !
A posto os marechaes ! — Soldados, attendei !
Dá-nos hoje festança o nosso grande rei ;
Reclamo, pois, de vós denodo e bizarría
Na altura do esplendor de tão faustoso dia :
Vae baptisar-se em fogo o infante imperial,
Servindo de padrinho o vosso general.
Avançar ! — Honra e patria ! — Além já se divisa
O fumo do cânhão que os bravos electriza ! »

Em punho a espada nua, aos dentes os punhaes,
Reviram na planicie as legiões fataes.
Como bando feroz de tigres esfaimados,
Envolvem-se, bramindo, os campos dos dois lados.
Recresce o horror, o susto, o espanto, a confusão.
De vez emquando a goela ardente do canhão
Despeja turbilhões de rabida metralha.
Flammeja horrendamente o inferno da batalha !
Da morte o espectro crú, medonho, atroz, sem dó,
Varrendo as filas vae. Em rolos vóa o pó.
Um mar de sangue rubro alaga, inunda o solo.
O ar ferido atrôa e faz gemer o pólo.
Uma festa de rei ! Rugindo, mãos a mãos,
Esmagam-se a lutar, degolam-se os irmãos !
Pertence o melhor premio, a gloria appetecida,
A quem melhor dirija o ferro fraticida !
Mas o agudo clangor do marcial clarim
Retine, do combate annunciando o fim.
Já foge derrotado o exercito inimigo ;
Eis já passada a hora infausta do perigo.
Então, vistoso quadro ! em alas triumphaes
Formam seus esquadrões os bravos generaes,
E por entre ellas—passa a imperial creança,
Denegrida de pó e sangue da matança.
A galope o corcel, garboso o infante vae
Parar subito em frente á tenda de seu pae,

—Hyena que perdeu a garra retorcida,
Mas que inda préza o cheiro á carne apodrecida;
Que treme, quando escuta o retunbar do obuz,
Mas gosta de pascer do sangue a roxa luz
Com os olhos sensuaes, emquanto deleterio
O aroma do combate impregna o espaço aereo.
O pimpolho real, parando, salta ao chão;
Cae nos braços do pae, que o cinge ao coração.
Narram os generaes em côro a gentileza
Das façanhas que deu á fama Sua Alteza.
Requinta a adulação; não mede-se o louvor:
O infante não perdeu um só instante a côr;
Luctou como leão; partia até aos dentes
Zuavos a voar nos seus corceis ardentes.
O principe começa até a acreditar
Que elle era na verdade um Ferrabraz sem par,
Bem que da pugna atroz só tinha consciencia
De que de longe a viu, de sobre uma eminencia,
A salvo de perigo, e de onde ouzou sair,
Depois que alguém bradou: «E' tempo de partir!
O inimigo fugiu! Sigamos-lhe na esteira!
Que Vossa Alteza apanhe a *ultima* poeira!
Daquelle pôdre incenso a onda vil não sei
Si passaria emfim, si, erguendo a voz, o rei
Não perguntasse alli a quantos dos escravos
A morte concedera a honra de seus bravos.

Responde um general, arfando, inda febril :

« Real Senhor, um nada.... apenas uns dous mil... »

« Dois mil homens ? !.. Embora ! Emfim, não se podia

Por menos fazer honra á minha dynastia,

Como se faz ahi ao filho de um burguez

A tiros do foguete, ou fogo japonéz. »

Sua Alteza inclinou-se em ar de assentimento,

E um—hurrah !—se elevou por todo o acampamento.



O SONHO DO ESCRAVO

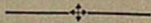
(Longfellow)

Ao sr. Xavier Pinheiro

A' sombra do arrozal crescido elle deitou-se,
Apertando na mão a trabalhada fouce.
Immersa no areal a densa carapinha,
Curvado para o peito o rosto negro tinha,
E revia, atravez da cerração dos sonhos,
Do seu torrão natal os páramos risonhos.
O Niger senhoril e indomito espumava,
Alagando o paiz que o sonho lhe mostrava.
De extenso palmeiral rompendo o verde-escuro,
De novo livre o escravo, e rei, com pé seguro,
Marchava, a ouvir a voz das caravanas ledas,

Longe—aos montes rasgando as asperas veredas.
A' sua alma arroubada eis que se patentêia
A olhi-negra rainha, em torno a qual vozea
A alegria infantil dos filhos seus loquaces,
Que se alvoroçam vendo-o, e vão beijar-lhe as faces,
E os joelhos, e as mãos lh'as tomam, lh'as seguram,
E dellas joviaes, cantando, se penduram.
Cortou-lhe nisto o rosto uma lagryma ardente,
Que insensível bebeu-lhe a areia indifferente.
Então, sobre um corcel pujante e luzidio,
Pareceu-lhe correr á margem do seu rio.
Trançadas de oiro e prata as redeas rutilavam
Entre as crinas subtis que aos ventos sibilavam,
E aos saltos do animal feriam-lhe os ouvidos
Das armaduras de aço os bellicos tinidos.
Dos flámingos depois figurou-se-lhe diante,
Como rubro docel, o turbilhão volante.
Da aurora á noite o vôo além lhes foi seguindo,
Dos plainos onde ri formoso o tamarindo
Té onde ao rudo cafre alteiam-se as choupanas,
E o mar roncando açoita as costas africanas.
Rebramindo os leões, ululando as hyenas,
Coavam frio horror ás solidões serenas,
E ás cannas da corrente occulta-o largo peito
Do hyppopotamo abria o emmaranhado leito,
E o captivo escutava o estrepito medonho

Como um rufar de gloria em honra do seu souho.
Então soltas clamando as linguas das florestas
Rugiam—liberdade!—e turbidas, funestas,
As azas dos suões vibravam tão velozes
Com rabiez tão livre, e tão soberbas vozes,
Que em sonho estremecendo o escravo se applaudia.
Do selvagem prazer com que o tufão bramia.
E nem mais despertou-o a calma abrazadora,
Nem do fino azorrague a trança cortadora;
Mas do sonho o paiz a morte illuminára,
E, quebrando-lhe o peito, o espirito voára,
Deixando immovel, só, rompendo-lhe as cadeias,
—Um corpo abandonado ás fervidas areias.



A LIBERDADE

Ao Dr. Rangel Pestana

Na noite do Calvario, em que fatal quebranto
O corpo do Homem-Deus dobrava da alta cruz,
Foi ella uma visão que o povo com espanto
Vio enxugar com a trança o sangue sacrosancto
Do livido Jesus.

Ella acendeu na Grecia a colera sagrada
Do grego, a cuja voz tremiam tantos reis,
E de myrtho enflorou de Harmodio a heroica espada,
Que a patria resgatou, do jugo deshonrada
Dos Hyparchos crueis.

Ella abateu em Roma a fronte á gente ignava,
Roubando-lhe Catão, o morto-vencedor;
Mas Cesar pondo o pé no collo á patria escrava
No peito fementido o ferro se lhe crava
De Bruto vingador.

Seu pensamento ergueu pyramides no Egypto
E levantou na Arabia as cupulas gentis ;
Pôz do passado a historia em brados de granito,
E o raio dominou, cravando no infinito
Suas lanças subtis.

De templos povoou da Grecia o chão fecundo,
No tempo em que era livre a Arte, sua irman,
Que hoje ainda, onde é livre, ao cerebro do mundo
Tece os nervos, e agoura ao barathro profundo
Sempiterna manhan.

Não! ella nunca foi a houri que poussa ardente
A lubrica cintura e o frouxo coração
Em ondas sensuaes de seda reluzente,
De perfumes que vêm do tepido oriente,
No leito do sultão !

Não revolve no throno, em pallido cansaço,
Um corpo que não póde a orgia saciar ;
Não cinge ao seio nú o inerte rei devasso,
Não mancha os pés viris no molle chão do paço,
—Do regio lupanar ;

Porque ella odeia o throno e os tedios do serralho ;
Quer no meio do povo amar, viver, sentir ;
Ama o prazer da turba, os cantos do trabalho,
O percutir do scopro, o retumbar do malho
No marmor do porvir.



O SELVAGEM

A J. F. Velloso

Traja a noite americana
Ledo manto. Sobre a matta,
Serenos, claros, tranquillos,
Caem os raios de prata.

Da lua, que, como um piága,
De entre fumeo, tenue véu,
Dirige o guáu das estrellas
Nas suas tabas do céu.

Doudeja a luz caprichosa
Pelos caminhos sombrios;
Reflecte o vento sonoro
A voz longinqua dos rios.

O tigre horrendo, esquecido
Da preza que ha de passar,
Dilata os humidos olhos,
Que se embebem no luar.

Anhangá nocturno freme
Nas frescas folhas sonhando;
—Pelo escuro da floresta
Passa um guerreiro cantando.

Quem és, que vaes atrevido
Sem arco e flechas nas mãos,
Sem o brilhante enduape,
Que uzam trazer teus irmãos ?

Não tens a fronte envolvida
No kannitar de plumagem,
Mas denuncia-te a raça
O doce canto selvagem.

De onde vens ? Das grandes tabas
Do povo, que o raio vibra,
Como Tupan procelloso,
Que entre nuvens se equilibra ?

Deixas, louco, o deus dos brancos
Pelos falsos manitós,
Impotentes, pendurados
Do tecto de teus avós ?

Mal pensaste?—Oh! não; nas mattas
O peito bate melhor,
Onde os odios rugem soltos,
Onde livre ruge—o amor!

Onde o espirito da força
Nas almas o piaga ateia
Com o denso fumo sagrado,
Que nos seus labios ondeia!

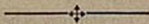
Onde aos fortes, como ao vento
Que róla negros bulcões,
Não tem limites a raiva
Que lhes rói os corações!

Aqui não vivem escravos !
Aqui só pódem viver
Os que sabem viver livres
E sabem livres morrer.

Cada ser aqui se entrega,
Sem disfarce, ao seu pendor :
A amada aos braços do amante,
Aos beijos do sol a flôr.

Neste instante alguma virgem,
Que interno fogo consome,
Talvez na rede macia
Sonhe e suspire o teu nome....

Subito soam trocanos
Da taba no echo visinho !
E o vulto audaz, mais ligeiro,
Sumiu-se pelo caminho....



MORTOS DO CORAÇÃO

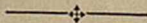
(Moore)

A Arthur Azevedo

O mar,— emquanto a luz lhe enfeita a vaga,—
Ao fundo, muita vez, ruge sombrio;
Muita vez ledô riso occulta a chaga
De um coração desesperado e frio.

Fatal saudade se lhe alonga negra
Entre a dôr e o prazer, em sombra espessa,
Tão viva que o prazer não mais o alegre,
Nem pôde a dôr fazer que mais padeça.

E' como em tronco vicejante o galho,
Que pende murcho:—embalde o sol o aquece;
E'-lhe inutil a luz, superfluo o orvalho;
Pôde sorrir..... porém não mais floresce.



A CALUMNIA

Mine a raiz de meus annos
Féra traição roedora;
Desfaça, destrúa embora
Os sonhos que ousei nutrir;
Morda-se em furia a calumnia,
Germine, brote a meus passos,
Cresça, reduza a pedaços
Os louros do meu porvir.

Rujam, torçam-se; que eu tenho
Um peito virgem, serpentes!
Larga preza aos sevos dentes
E pasto á fome roaz,
Que vos devora; —dae redeas
A' vossa sêde de lama
E á bava que se derrama
De vossa bocca mendaz!

O' hypocritas ignobeis,
Do alheio brio famintos!
Saciae vossos instinctos,
Roei meu nome, roei!
Si só do escandalo o côro
Vossos ouvidos affaga,
Minha alma altiva não paga
Odios que não provoquei.

Sois como os vermes nojentos,
Que rojam nas sepulturas :
As vossas linguas impuras
Se nutrem do alheio mal!
Si o vosso instincto vos manda
Fazer o mal sem remorso,
Em desprezar-vos, não torço,
Mas cumpro o meu natural.



ANATHEMA

Um modelo de virtudes,
Um sublime ideal amei somente.

G. DIAS.

Hoje, que é frio o sangue que pulava
Dentro em meu peito pressuroso e ardente,
Quando na luz dos vossos se esqueciam
Meus olhos fascinados;

Hoje, que só de vos haver querido
Com tanta adoração e extremos tantos,
Gelida, muda, concentrada e funda
Me rói a dôr sem nome;

Essa dôr que o remorso aguça, afina,
Envenena, avermélha, ulcera e rala,
E em lagrymas derrete, que devora
Meu orgulho indomavel;

Hoje, que o desespero, abrindo as azas,
De triste escuridão me inunda os dias,
E as fibras mais reconditas nas garras
Crueis me dilacera, —

Soberbo ante a miseria que me opprime,
Quero, volvendo os olhos ao passado,
Subir de novo a trepida corrente
Do rio de meus annos.

E alli vos vejo pallida, senhora,
Sentidamente bella a contemplar-me,
Lavando-me com prantos compassivos
Os meus suppostos erros.

E então eu vos amei! Porque mentir-vos?
A alta barreira que entre nós se erguia,
Eu me senti com forças de quebral-a,
De vencer o impossivel !

E largas noites de loucura e febre,
Apoz a vossa imagem suspirando,
O melhor de minha alma evaporou-se
Em canticos de fogo.

Acesa a inspiração sublime e fácil
Em arrojado véo aos céus subia,
E vos cobriram de sagradas vestes
Meus sonhos de poeta.

Mas cegueira fatal vos arrastava !
E quando, desvairada, entre vertigens,
Com mão febril rasgando-lhe as cortinas,
Apontastes-me o leito,

Eu vos salvei do vortice da infamia!
Entre o dever e o meu amor a lucta
Travou-se dentro em mim medonha e rapida!
E fui forte ! e venci !

Venci ! nem eu podera vêr manchadas
As vestes ideaes com que trajei-vos,
Nem cobarde e villão cobrir de lodo
O que sonhei tão puro.

Ereis mulher, amaveis muito, e errastes !
Tivestes-me por gelo a consciencia,
E por impia traição o que era apenas
Dedicção sublime.

Fostes mais longe! Um odio violento,
Inexoravel, calculado e frio,
No coração de sancta agazalhastes,
Como Satan n'um templo.

E o verme roedor voraz nutriu-se
De vosso coração,—desfez-lhe em cinzas
Os nobres sentimentos,—3 a vingança
Lisongeira sorriu-vos.

Na harpa do vosso peito se calaram
Todas as doces cordas que vibravam
Ao bom, ao bello, ao justo, e a do egoismo
Rançou mais forte, —livre.

Tudo o que me era grato—me azedastes ;
As minhas afeições rompestes todas ;
Arrastaram meus brios sobre a lama,
E achastes que era pouco!

Meu nome ao vilipendio impuros labios,
Onde os insectos da calunnia zunem,
Tentaram de arrojjar; —tambem os vossos
Convulsivos de raiva

Não duvidaram de abaixar-se ao charco,
Molhar-se em podridões, —em mornas fézes
De paixões torpes, vis,—para lançar-me
O seu quinhão de lodo!

Entretanto, senhora, eu vos amava!
Mas como sobre o mar, tomando o nauta
A nuvem pela terra, o céu e as aguas
Ante os olhos lhe fogem,

Ludibrio de esperanças enganosas,
Uma por uma vi cairem murchas
As brancas illusões com que minha alma
Vos enfeitou, sorrindo.

Despedaçastes de virtude o manto
Com que vos adornei; —e exposta, e nua,
A' hediondez dos corações vulgares,
Como podia amar-vos?

Ah! nesse templo que ideei tão casto
Sacrificáveis ao ciúme, ao odio,
E talvez á vingança de suppostos
Desprezados encantos.

E eis que insensata, irreflectida e louca,
De estolido despeito tresvairada,
Os sanctos attractivos engeitastes
Que vos eu emprestava.

Senhora, si ao rancor mais negro e injusto
Vindicta satisfaz menor que a morte,
Neste só desengano vos pagastes!
Folgae! estaes vingada!

E pois que nem um raio mais aclarar
A tenebrosa noite de vossa alma,
Pois que, implacavel, já não tendes fibras
A vessas á vingança,

Levae ao cabo o sacrilegio horrivel!
Suffocae, que não vibre, a doce corda
Que o coração mais feio purifica!
—Odiae a innocencia!

Sabeis? Ao pé de vós, quando em delirios
As minhas illusões sem dó quebraveis,
Revestia-se um anjo com os andrajos
Dos sonhos que rompieis.

Levae embora a victima sem culpa
Ao sacrificio barbaro!—nas aras
Do vosso odio profundo—unidos ambos
Viveremos ao menos.

Eu, porém, generoso, o vosso nome,
—Porque não seja eternamente o stigma
Da frente da mulher,—hei de guardal-o
Em perpetuo sigillo!

Oh! não! nunca o direi! Nunca minha alma
Com a vossa corrompida ha de egualar-se!
Foi maior vosso amor que o vosso crime!
Perdôo-vos... e vingó-me!



SOLILOQUIO

A Alberto de Oliveira

Pesada vae a noite de meus dias !
E contudo vinte annos tão sómente
Me separam do berço ! Apenas vinte !
Vinte anneis da cadeia tenebrosa
Cujos fataes extremos vão perder-se
Na vacua eternidade !—cujos élos,
Um sobre outro caíndo, minha fronte
Contundem sem cessar ! Batem, retinem
As horas que se arrastam, frias, lentas,
Como eternos galés que vão de rojo
Ao tempo acorrentados ! Ruge, vibra
Cada oscillar da pendula incansavel
No quadrante medonho. Cada instante
Echôa no meu ser como um gemido

De moribundo,—e a existencia minha
Precipita-se á campá, como o rio
Que se engolpha no mar. Cada momento
Me rouba uma illusão.—Que voz sentida
Dos ventos no passar murmura agora ?
E' um queixume de flôres desfolhadas,
Ou o carpir das brizas que rasgaram
Dos rochedos na ponta as azas doidas ?
Silencio ! E' o soluçar do ultimo sonho,
O agonisar extremo da esperança
Que se afunda na duvida.—As idéas
Esfriam-me no cerebro confuso
Como larvas n'um tumulo,—vacillam
Como clarões de lampada sagrada
De um templo sobre as pallidas ruinas.
E em breve o pensamento que animava
Meu genio—extincto me será na frente !
—Assim a estrella solitaria, incertas,
Do firmamento na amplidão fenece.

Das orvalhadas das auroras minhas
Nem uma gotta refrescou meus labios !
Nem respirei do meu caminho as flôres !
Invencivel, fatal, tristeza immensa
Sentou-se á sombra de meus verdes annos,
Bebeu todas as taças amargosas

Dos males que soffri,—e exhausta, e ebria,
Enlouqueceu-me para sempre na alma.
A dôr desceu-me ao coração—tão fundo
Como a chuva nos valles. Uma lagryma
Dalli subiu,— nas palpebras immovel
Pendurou-se-me, e eterna alli rutfla.
E' uma estrella de sangue,—é o transumpto
De um martyrio sem nome,—o espelho mudo
De um padecer sem voz, onde gelou-se
De um triste pensamento a imagem fixa.
E' uma gotta de veneno ardente
Que as retinas me abraza, e que não póde
Pela face escorrer, lenir negroses,
Que por dentro me vão. Tudo se apaga!
O murmurio da brisa pelas folhas,
O queixume da vaga sobre a areia,
Suspiram,—morrem;—na amplidão celeste
Vacilla e treme o lume das estrellas
E a extrema vez lampeja immerso em trevas.
As côres mais brilhantes se destingem.
De pallido clarão cobrindo os mares
Nô occidente o luar tomba e se abysma.
E uma outra brisa chorará nas ramas,
E uma outra vaga gemerá na areia,
Côres mais vivas luzirão de novo,
E outro luar arroiará nos ares

Seu pranto luminoso.—E só, no entanto,
Esta dôr, esta lagryma sem fôrma
Me rolará na palpebra sombria,
Como um astro sem vida.—Si, contudo,
Eu pudesse arrojá-la de meus olhos!
Talvez,—quem sabe?—as outras suspendidas
Pela de maldicção, soltas de novo,
Derramariam ondas de consolo
Na desesperação que me rodeia.

Nos seios de alvos lyrios a alvorada
Gotteja almo frescor; o mar scintilla
A' orvalhada de luz, que os astros loiros
Dardejám-lhe dos céus;—mas que urna póde
Conter,—tão grande, tão sublime e sancto—
—Pranto que ao desespero o amor arranca?
Ah! brilha, brilha, lagryma insensata,
Que ninguem entendeu! tu és a lampada
Funerea de meu geúio agonizante!
Tu és o espelho das tristezas todas
Que meus olhos não visto!—Assim no valle,
De estereis montes sussurrando aos lados,
Vão de um ribeiro as aguas fugitivas
Pintando ao fundo do empedrado leito
As imagens da margem entristecida....



CREPUSCULO

How dear to me the hour!

MOORE.

Si, ao fenecer do dia, eu amo contemplar
O sol que fere obliquo as solidões do mar,
E' que então sinto, a ti, e nos dias de outra idade,
Levar-me em devaneio as azas da saudade!
E enquanto fito absorto o scintillante beijo
Do oriente em fogo ao mar,—si um intimo desejo
Me anceia de seguir-lhe a radiosa senda,
E' que entrevejo rôta, ao fim da estrada, a venda
Que me occulta o ideal, em ilha bemfadada....
E alli te vejo ainda, e sempre, alma adorada!



RUINAS

A Fontoura Xavier

O' rôtos coruchéus! ó velhas cathedraes !
Outr'ora tinheis vós agulhas pensativas,
Que roçavam nos céus as nuvens fugitivas
Com o extatico afan dos beijos sensuaes !

Meu pensar, como vós em torres ideaes,
Ergueu tambem visões phantasticas, altivas,
Como em bellos harens as languidas captivas
Dos grandes castellões, dos despotas feudaes !

Que resta hoje de vós? que lenda aos viajores
Contaes, ó torreões?—Em lubricos amores
A electrica tormenta um dia vos prostrou !

Tal de minhas visões a sombra peregrina
Sumindo-se me aponta—em meio da ruina
De tudo o que sonhei—o Deus que me habitou !



AO LUAR

A Machado de Assis

I.

Astro formoso ! fulgido diamante
Do escudo azul translucido da noite!
Que artifice divino, alto e sublime,
Doce amiga do sol, pôde engastar-te
No azul da etherea abobada ?— E's acaso
A veladora lampada do genio
De cuja frente, em mysticos arroubos
De amores não sabidos—rebertaste ?
Quando, com olhos avidos, contemplo,
Teus fulgores sorvendo, o brando gyro
De teu rosto inconstante—julgo vêr-te
No diadema da machina estrellada

Cobrindo a fronte a Jehová, que volta,
—Por que os olhos mortaes jamais o avistem,
Sobre a terra o teu brilho deslumbrante.
Seductora princeza! Quando surges,
Deslumbra o horizonte ;—o mar soberbo,
Enlouquecido de volupia estranha,
Molle se arqueia, e suspirando salta
Desfeito em manto de doirada escuma.
Das glorias tuas humilhadas fogem
As pallidas estrellas, desertando
Do banquete de luz, —e vencedora
Campeias triumphante, e as brancas taças
Das miserias vencidas —desdenhosa
Em tremulos crystaes nas ondas quebras.
No fundo aquoso o côro das ondiuas
Acorda amigo, embrandecendo os ermos
De alabastrinas grutas,—onde as tintas
Se esbatem do iris—em listrões garbosos
Multicores sorrindo.—Os feros monstros,
Despovoando as lugubres cavernas
Das entranhas marinhas, fascinados
Ameigam-se, boiando, aos molles raios,
Que lhes côas nas lucidas escamas.
A alva areia na praia acesa brilha,
Tinge-se o limo de clarões vistosos,
Em cuja teia, resvalando, brincam,

Ebrias de luz, as purpurinas conchas.
Que philtro, que feitiço tremeleias
A' effluvia correntes que derramas
Sobre o peito do mar, que ruges e freme
E oscilla magestoso aos teus affagos ?
—Fascinação sympathica me estreita
E acanha o coração, —minha alma em ancia
Alenta e ofega por se alar contigo,
E em tua branda luz batendo as azas
Vingar os teus palacios de alvoradas,
Teus caminhos azues seguir no espaço,
Rasgar ao peito as tenebrosas cryptas
Dos densos nevoeiros, e abysmar-se,
Como ardente chrysolita, perdida
Na curva rutilante do teu seio!
Ah! quem lhe dera, sobranceira ao lodo
E á mesquinhez do mundo, ouvir attenta
Em supremo arroubar de extasi fundo
A limpida harmonia que rorejam
As vibrações electricas dos astros,
E em canticos de amor pairar sorrindo
Na magnetica røde de teus raios!

II

Porém mais bella e magestosa alteias
O radiante collo, quando as aguas
Em cheio do Pacifico e do Atlantico
No teu magico espelho retratadas
—De incendiado reflexo inundam, pejam
Do Novo—Mundo as solidões que dormem
Sem termo o somno immenso das florestas.
Do templo vasto nos zimborios amplos
E cupulas sombrias resaltando,
Doirada chuva de humidas scentelhas
Bate, rutila na esmeralda viva
Da abobada phantastica. Das orlas
Das atrevidas, altas serranias,
Caprichosas pyramides de sombras
Caem leves, instaveis, alongadas;
E em turbilhões ligeiros sacudidas
As fugitivas nevoas levianas
No azul do céu diaphano rodeiam
Teu disco somnolento e vaporoso.
Silencio! a noite é queda! As horas longas
Entorpecidas, lubricas se arrastam
No véu nocturno, que humido se agita,
Embebido de luz e de perfumes.
O ar é doce, a natureza calma,

Lampeja o rio, —as aguas argentadas,
Preguiçosas, dormentes, escorregam
Sobre fulvas areias; frio orvalho
Na relva, que de perolas se enfeita,
Gotteja embalsamado. Não se escuta
Na floresta rumor, —um vago apenas
Remoinhar de folhas indiscretas,
Um fremito indistincto.... Que! —pisadas
No folhiço que range e estala.... Emtanto
Subindo o globo prateado, enorme,
Entre nuvens,—de subito rompendo-as,
Paira nos ares magestoso e branco.
Fascinador clarão de um jacto alastra
O valle, o rio, o monte, o bosque, as varzeas,
E o tigre ronca pavoroso, horrendo,
Elastico brandindo sobre as ancas
A cauda negra em graciosas curvas.
Oh! scenas que eu amei! Ah! que eu não possa
Das brenhas pelo verde-escuro agora
Penetrar, —e na alfombra resvalando
Selvagem, como fui, os movimentos
Soberbo acompanhar da féra,—e o passo
Tomar-lhe, —bravo, resoluto, —e vél-a,
Rutilando o fuzil, silvando a bala,
Rolar, torcer-se em convulsões,—e o sangue
Undifluo referver-lhe, espadanando

Do peito espedaçado e rôto, —os membros
Contraahir e estender, raivando irosa,
E alfin, cerradas pela morte as fauces,
Jazer immovel na revolta areia !

III

Debaixo desses céus, além dos mares,
No abençoado clima, onde Caxias,
Lyrio dos valles, namorando as aguas
Do meu rio natal, formosa e leda
A' sombra das palmeiras adormece,
Foi onde mais te amei. Ventura me era
Suave —o teu fulgor vêr confundido
Aos tons vermelhos do cinabrio, á tarde,
Quando entre a luz do sol, que foge, e a tua,
A aguia da sombra, que se eleva incerta,
Vacilla, e duvidosa as azas colhe,
E funde-se em docel de franjas roseas,
Entre os céus e a terra derramado.
Contemplativo enlevo nesse instante
Abria-me de leve as azas loiras
Da phantasia juvenil e ardente,
E no espelho subtil do pensamento
Ia-me estranhas fórmas condensando
De um mundo que existiu,—e pouco e pouco
Arrebatado o espirito voava-me

A's cousas do passado, e eu via os bosques
Frondeando outra vez por entre o ferro,
Que o machado europeu tudo arrázara.
As tabas festivaes dos indios bravos
De novo se estendiam, largo em roda
Assentadas á sombra dos palmares
De cuja copa excelsa, protectores,
Abençoado agoiro solto ás brizas
Os manitós pendentés suspiravam.
De novo á beira da agua o fogo ledo,
Que incita á guerra, chammejava rubro,
E os sons troantes do boré sonoro
E as pocemas de morte—retumbavam
De novo a meus ouvidos. Perto e perto
Clangor agudo de clarins longinquos
Soava retinindo nas devezas,
E um bardo forte de guerreiros brancos,
Tropeiando os corseis, fulgindo as armas,
Ante meus olhos pavidos surgia.
Pezadello medonho ! O céu brilhava
De vermelho retinto; em negros rolos
Sanhudos vagalhões de espesso fumo
Das florestas ás nuvens se empinavam.
Corria-me confuso nos ouvidos
Longo estertor de porfiada lucta,
E ao ar rompia o grito formidavel

Do exício de uma raça ativa e grande,
Varrida inteira dos bulcões da guerra.
Mas passavam os horridos phantasmas,
E despertando pallido, agitado,
A indignação fervia-me nos labios,
Vendo tranquillo deslizar-se o rio,
Que indifferente ao mar volvia as ondas.
E quem ha tão de pedra que insensivel
Não sinta um nobre ardor lavrar-lhe na alma,
Quando a força—violenta, abate, esmaga
O fraco que resiste ? Esse na terra
Maldicto passará da vida á morte,
Não terá no sepulchro uma saudade,
E em dobro morrerá, que a voz dos bardos
Eternamente calará seu nome,
Só digno de perpetuo esquecimento.

IV

Assim, ó lua pallida, eu scismava
A' tua luz fagueira, em minha terra,
Quando os teus molles raios se esqueciam
Nas rociadas relvas estirando-se,
E os espectros das sombras espantados
A's grutas se colhiam ;—quando as flôres
No prado abriam as corollas niveas
Pedindo orvalho ao céu, — ao céu mandando

O perfumado alento,—nos vapores
Que a terra exhala no frescor da noite.
Então ridente no matiz o campo,
Das fontes nos crystaes pintando as côres
Da tunica mimosa e verdejante,
Luzia abrilhantado —orlando os lagos
Que nelle se baloioçam,—Do silencio
Na muda quietação, as rochas negras,
Feridas do luar, vertiam prantos,
Com as argentinas lagrymas sentidas,
Divinizando a solidão e os echos
Do intermino sertão.—Tudo acabou-se!
Da vida humana o rio pressuroso,
Que incessante varía, a plaga estranha
Remota me arrojou. Em vão do exilio
A saudade me alonga os olhos turvos
Pelas scenas que amei. Desfez-se tudo!
Nem mais escutarei do vento as harpas
Harmonias casar com as brandas lyras
Da selva murmurante, onde queixosa
A alma de meu irmão geme nas folhas.
Feliz! amiga mão fechou-lhe as palpebras
Na hora da agonia. O passamento
Foi-lhe sereno como o adeus da tarde
De um dia bem tranquillo,—o alento extremo
Da bocca lhe fugiu, poisada a fronte

No collo maternal. Inda florescem,
Choram ainda humor brilhante as rosas,
Que mão de irman plantou juncto ao seu tumulo,
E canta ainda a rola entristecida,
Caindo a noite, ao pé da cruz deserta.
Eu, porém, sem destino, erro os meus passos
Distante do meu lar, e confundidos
Com cinza alheia jazerão meus restos
Em campa ignota, desprezada e triste...
Ah! possa com o meu ultimo suspiro
Tambem de todo se apagar meu nome
Dos outros homens na memoria ingrata!
E que me importa a mim, nauta batido
Dos tufões da existencia, as plagas onde
O naufragio da morte me rejeite ?

V

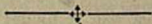
Tenho vinte annos, e desprézo a vida;
De muita phantazia as verdes folhas
Áquem já murchas pendem ;—muita aurora
Na treva me roubou do tempo a noite:
Vivi do coração, morro por elle.

É por isso que te amo, ó lua amiga,
Porque a minha tristeza irresistivel
Contigo sympathisa;—um doce anhelô
Me leva a contemplar-te;—no teu seio
Revejo a longa historia miseranda
De um coração que rala-se, preado
Da ausencia de illusões, que lhe hão fugido,
E no seu desespero se espedaça.
Eu releio-me em ti: nem uma nuvem
Refracta no teu céu teus raios de oiro;
Da aurora as roseas côres não te ameigam,
E as melindrosas tintas do crepusculo
Seus rubores te negam. — Crús, ardentes,
Subito cahem no teu peito os dardos
Do sol devorador, que te lacera
As entranhas estereis; —tuas noites
Debatem—se nas trevas, que te empolgam,
Mal teus dias, mais lugubres, se apagam.
Horror! na solidão tranquilla e vasta,
Na completa mudez, que te povôa
De pesado silencio, horrido, immovel,
No espa. o ermo, sem ar, baqueiam, rolam,
Sem despertar um som, sem um murmurio,
Pedaços do teu corpo apodrecido,
Montanhas mortas e vulcões sem lavas,
Que o tempo alúe constante e róe passando.

VI

Tudo marcha a seu fim, á cinza, ao nada ;
A propria natureza em vão se illude!
A floresta, perdendo os seus verdores,
De novo brilhantismo se reveste.
Despe-se a vida de encantados sonhos
E novas esperanças vem doirar-nos
Um por um nossos dias ;—mas quem póde
Porventura encontrar o colorido
Da primavera que passou,—no esmalte
Das folhas que renascem ? — Quem não sente
Mais fria uma illusão, quando outras muitas
No abysmo do passado feneceram ?
Acaso a fronte curva, que alvejaram
Nevés de oitenta invernos, não se aquece
Ao mesmo sol que o afflagou na infancia ?
Treme o ancião entretanto !—E' que impassivel
O tempo tragador, volvendo as ondas,
Tudo ao termo fatal de rastos leva.

De tanto transformar exhausta um dia
Ha de a propria materia unificar-se,
Gasta, sem força, exanime, vencida
Pelo espectro da morte triumphante.



A UNS ANNOS

A alma do poeta é como um rio
Cujas aguas no tempo se derramam,
Reflectindo no espelho fugidio
As scenas de que as margens se recamam.

Si a aurora é bella, si é azul o dia,
Si a primavera em flôres se desata,
Si o céu de lindas nuvens se atavia
Por onde o rio ameno se dilata,

Vel-o-heis — nuvens, céus, aurora, flôres,
E fresca primavera, e dia ardente,
N'um iris festival de ethereas côres
Espelhar sobre a lucida corrente.

E a inspiração que vaga pensativa
Por sobre as aguas limpidas, serenas,
Mal colhe um trino de ave fugitiva
E das festas da luz um raio apenas.

Nhanhan, dou-lhe estes versos que esvoaçam
Na minha mente: sombras apagadas
Dos seus dezeseis annos, que hoje passam
A abrir-me na alma as azas inspiradas.



GETHSEMANI

Cantar ! cantar!—Em ondas de harmonia
Da vida o barco embale-se indolente !
Que importa que o torpor da morte fria
De veia em veia o sangue me arrefente ?
E'los de meu viver, heis de romper-vos
Como um fio de perolas sonoras,
Da morte illuminando a treva espessa,
Como um nucleo de auroras !

E ha de extinguir-se o aceso pensamento,
O verme roedor que me devora,
Como bava de insecto peçonhento
Corróe as flôres que a alvorada córa ?
Talvez !—Mas no meu peito maguado,
Onde funda gravou-se a imagem della,
Jamais do tempo acabará que a apague
Mão que tudo nivela.

Oh! Deus! como era bella essa creança
Entre botão e flôr meiga sorrindo,
E em brineados anneis a mobil trança
Negra sobre alvos hombros lhe caindo!
Do olhar humida luz se evaporava,
Come de astros brilhando em céus escuros,
Suave luz que longe reflectia
Nos meus dias futuros.

Era tão bella que minha alma triste
Na festa de sua alma se applaudia :
Que o prazer de quem ama só consiste
Do idolatrado objecto na alegria.
De ouvil-a o coração, banhado em gozo,
Me rebentava murmurando estreito,
E uma corrente harmonica tremia
Dulcissima em meu peito.

A juventude ingenua em suas faces
No albor da cutis ombebeu-lhe as côres
Com que as nuvens roseam-se fugaces
E o beijo matinal retinge as flôres.
E na vigilia, ou a sonhar, bem como
Etherea estrella que abrilhanta o lago,
A doce virgem me inundava as scismas
De brandissimo affago.

E a esperança abortou, e a luz sumiu-se
Na torre escura dos bulções da vida ;
Meu castello de sonhos derruiu-se ;
Minha breve illusão foi consumida !
Oh! Deus! toda a ruína que me esmaga
Um sentir bem de dentro m'a dizia,
Quando sob meus passos germinava
A calunnia sombria.

Mundo estúpido e vão ! cedo conheço
Quanto estaes de vileza eivado e gasto !
Fólga embora dos males que padeço,
De ti com tedio os olhos meus afasto !
Alquebraste-me, sim! mas não venceste
Minha nobre altivez! Minha alma forte
De novo alçou-se, como o ramo altivo
Depois que passa o norte.

Ergui-me, é certo, mas sem ais, sem queixas,
Presa de surda, corrosiva magua ;
Que nem para limpar as que me deixas
Nodoas feias meus olhos acham agua !
Nem lagrymas, nem voz!—e immovel, mudo,
Do soffrimento o espectro solitario
Do sonho fundo envolve-se tranquillo
No alvissimo sudario.

Pallida sombra da esperança morta,
Larva finada de um sonhar desfeito,
Viver sem mais amor! a mim que importa,
Si morri para sempre no seu peito?
— Si mataram-me alli, e inda meu sangue
Ora ferve, ora tímido se gela!
Quero morrer, quero viver mil vezes,
E mil morrer por ella.

E o anjo de azas brancas, innocente,
A cuja sombra me abriguei com ancia,
E a quem votei meu coração ardente,
Tepido ainda das visões da infancia,
Fatidico poder de mim bem longe
Eternamente o collocou distante,
E eu juncto ao longo mar que nos separa
Suspiro agonizante.

E não mais a verei! E póde emtanto
Vê-la, escental-a a perfumada brisa,
Póde seccar-lhe aljofares do pranto
De que a flôr de sua alma se matiza;
E póde vê-la o passaro que trina
Sobre a palmeira proxima á janella,
Ou pousado entre as flôres vicejantes,
Que educam as mãos della.

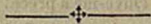
E póde vêl-a o astro vespertino
Com pallido fulgor doirando os montes,
Quando o olhar se lhe arrouba sem destino
Ao circulo que borda os horizontes.
E o luar ha de a vêr, coando a frouxo
Fagueira luz nos placidos rosaes,
E ha de vêl-a o céu, e a terra, e tudo!
Eu, só eu! nunca mais!

Eu, —só eu!—nunca mais! E o pensamento
Ha de eterno bater-me azas escravas
Da saudade ao dulcissimo tormento,
Como a pairar sobre gostosas lavas.
Oh! não vêr-lhe o semblante, os meigos olhos
Que o céu contêm no seu volver profundo,
E assim cansado succumbir exausto
No deserto do mundo!

O' Deus! dá que eu mergulhe a minha pena
Na eterna poesia! Ouve-me a prece!
Que a dôr, quando a virtude a não condemna,
E' caminho que sóbe e nunca desce.
Consente-me, Senhor, que a mente acesa
Revolve todo o mar, onda por onda,
Desde onde beija os céus té onde as perolas
No seio o lodo esconda!

E que do lodo se erga sublimada
Por onde os corações dos astros vibram,
Por onde brilha a abobada estrellada
E as machinas dos mundos se equilibram!
E ao refulgir das sempiternas glorias,
Unica luz que o tempo não consome,
Do proprio tempo entalharei na face
Meu amor e seu nome.

Quero cantar—e em ondas de harmonia
Minha vida embalar febril e ardente.
Que importa que o torpor da morte fria
De veia em veia o sangue me arrefente?
E'los de meu viver, heis de romper-vos
Como um fio de perolas sonoras,
Da morte illuminando a treva espessa,
Como um nucleo de auroras!



A meu a
João dos
Bilha, espo
Sobre as pr
As antigas
Eram té
Rido de an
Alra! m
Da ha os e
Sobre os e
Quando m
Venidos
Quantas v

OSCAR DALVA

Paraphrase byroniana

A meu amigo e mestre senador Francisco
Octaviano

I

No azul dos céus a lampada nocturna
Brilha, espargindo a luz coada e branda
Sobre as praias do Lora.—As torres d'Alva
As antigas ameias pardacentas
Elevam té ás nuvens.—Já não sôa
Ruido de armas no solar deserto.
O' Alva ! n'outro tempo, ah ! quantas vezes
Da lua os claros raios resvalavam
Sobre os elmos argenteos dos teus bravos,
Quando marchavam, na mudez da noite,
Vestidos de fulgentes armaduras !
Quantas vezes nos ingremes penedos,

Onde, fervendo o mar, quebram-se as vagas,
Pallido o astro mortuarios lumes
A's fleiras coou, quando os valentes
Mordiam a poeira dos vencidos!
E os olhos, que não mais o albor do dia
Deveram contemplar ledó e ridente,
Se desviavam do sangrento plaino
Para fitar-te ainda, ó branca lua,
Antes que a treva oterna os invadissem!
Muitas vezes também te bemdissiram
O propicio fulgor, quando luzias
Pelas noites de amor!—Ah! e no entanto
Hoje os aclaras, qual brandão funereo,
Na abobada celeste suspendido!
A nobre raça dos senhores d'Alva
Extinguiu-se.—De longe inda se avistam
Da fortaleza as torres envolvidas
No verniz secular;—porém seus bravos
Já não acozzam na floresta os gamos,
Nem no campo de guerra os inimigos.
Quaes foram os teus ultimos senhores,
Velho castello d'Alva?—Porque o musgo
Te cobre os baluartes?—Dos guerreiros
Os passos não despertam mais o echo
Das abobadas tuas, que reflectem
Sómente o sibillar de agudos ventos.

I, quando
Estimbo-t
Tu son te
Que desfa
Dobido o e
Do magna
li, porém
O sea neg

O velho e
O dia em
Primogen
Do hospiti
Os sublin
Ao jubile
Na flore
Prearam
Levra a
Da musc
Das rub
Hão d
No tran
Quando
Mal deo

E, quando sopra violenta a brisa,
Retumba-te nas longas galerias
Um som terrível, abalando os muros,
Que desfazem-se em pó.—E' da tormenta
Rabido o silvo percutindo o escudo
Do magnanimo Oscar.— Do heroe a insignia
Já, porém, não se esfralda, nem ondúla
O seu negro pennacho aos ventos soltos.

II

O velho castellão abençoára
O dia em que sorrira á luz primeira
Primogenito Oscar, seu filho amado.
Do hospitaleiro lar do ancião em volta
Os subditos fieis, festivos, ledos,
Ao jubilo do pae se associaram.
Nas florestas um gamo os caçadores
Prearam;—sonorosa ao longe a trompa
Levára as vozes do festim,—e as notas
Da musica de guerra o peito rude
Dos rudes montanhezes alegraram.
« Hão de ao filho do heroe estas trombetas, »
No transporte diziam, « precedel-o,
Quando guiar seus bravos á victoria. »
Mal decorrera um anno, Angus tivera

Outro filho;—o segundo natalicio
Foi um dia de gloria; em honra delle
Teceram-se tambem festins ruidosos.
Da caça nos ardis, no jogo do arco,
Das sombrias collinas d'Alva em torno,
O desvellado pae educa os filhos.
Oscar e Allán já rapidos venciam
Os seus lebreus mais fervidos, correndo.
Mal saídos da infancia, bem acceitos
Alistam-se aos guerreiros.—Já conhecem
O manejo da lança, e o como arrojem
Dardo homicida ao peito do inimigo.
Negros cabellos á feição das auras
Fluctuavam de Oscar; em ondas moveis
De brilhantes anneis se dividia
O cabelo de Allán; porém seu rosto
De pallor pensativo se obumbrava.
Tinha uma alma de heroe Oscar. Seus olhos
Só franqueza e verdade revelavam.
A dissimulação cedo aprendera
E a mentira adoçar com phrases meigas
Allán.—Valentes ambos, muitas vezes
A lança dos saxonios se quebrára
Nos seus fortes escudos; mas si o peito
De Oscar não conhecia o medo, —ao menos
A's branduras de amor se commovia.

O carac
De espia
Desmen
E o fru
Entre s

Acont
Vir u
As te
Do op
A' dita
Os anh
A allia
Rio-lhe
Cantare
E os ec
Do elme
Adman
Pendem
Do chef
Mas nã
Sua de
Nuncios
Covida

O caracter de Allán—do corpo, digno
De espirito mais nobre, a formosura
Desmentia; — a vingança era-lhe gosto,
E o furor do seu odio perpassava
Entre seus inimigos como o raio.

III

Aconteceu de Southannon longinqua
Vir uma joven castellan formosa.
As terras de Kenneth eram seu dote;
Do opulento Glenálvon era filha.
A' dita de esposal-a Oscar aspira;
Os anhelos do filho Angus approva;
A alliança da filha de Glenálvon
Rio-lhe fagueira ao paternal orgulho.
Cantares nupciaes —sonoras trompas
E os echos encantados repetiram.
Do elmo os pennachos rubros agitando,
Adunam-se os guerreiros no castello;
Pendentes do hombro os mantos multicôres,
Do chefe as ordens marciaes aguardam.
Mas não convoca-os bellicosa turba;
Sons de festa sómente a trompa vibra,
Nuncios de bodas,—as de Oscar.—Os cantos,
Convidando ao prazer, vão celebrar-se.

Mas Oscar onde está ? Já não é tarde ?
A impaciencia de um futuro esposo
E' esta ? No castello, hospedes, damas,
Reunidos estão; somente faltam
Oscar e Allán...—Este ultimo enfim chega
E vae se collocar da noiva ao lado.
« Oscar porque não vem ? » Angus pergunta;
« Onde está ? » Respondendo, Allán: « Comigo
A' devesa não foi. Pela ventura,
Das nupcias deslembado, desgarrou-se
A' caça, ou o mar talvez retém-lhe o barco.
Comtudo, é raro que o retardem ondas. »
« Oh ! não ! que nem a caça, nem as vagas, »
Em sustos clama o pae, « pôdem detê-lo.
Pois tal affronta a Mora?... Que barreiras
Ha que os brios de Oscar vencer não possam ?
Parti, nobres guerreiros, meus amigos !
Procurae-o ! Tu, corre, Allán, com elles !
D'Alva os amplos dominios revolvi-me !
Ninguem volte sem novas de meu filho ! »
E' tudo confusão: gritos selvagens,
De Oscar nos valles repetindo o nome,
Levam-no ao longe, murmurando, os ventos,
Té que a noite alargára os véus sombrios.
O nome do infeliz, em vão, da noite
Cortou vibrante as trevas e o silencio;

Não volveram resposta ingratos echos.
O matutino alvor nos céus da aurora
De novo relumbrou, e Oscar não veio.
Por noites tres e dias tres, o somno
Deserta aos olhos de Angus, que buscava,
Louco de afflicto, o filho nas montanhas.
O fio da esperança alfim se rompe,
E entregue á dôr, ao desespero, á angustia,
Alvas melenas arrepella em prantos.
« Oscar, meu filho, ó Deus! unico arrimo
Dos meus dias cansados, restitue-m'ol
Si o mataram, porém, Senhor! concede
Que eu, no seu matador, o vingue ao menos!
Talvez seus brancos ossos insepultos
Em deserto rochedo agora alvejem....
Dá, Senhor Deus, que o pae desventurado
Entre os mortos reveja o charo filho!
Vive talvez ainda... O desespero
Acalmemos. Senhor, perdôa uma alma,
Que turba a dôr atroz; si injusto clamo
Contra a sorte, releva-me a impiedade.
Mas si, — não para mim, — meu filho existe,
Eu baixarei á campa deshonorado!
Foi-se a esperança de meus velhos dias...
Em que fiz juz a provações tamanhas? »
Taes angustias curtia o pae choroso,

Té que o tempo, que o mal mais duro abranda,
Seccou-lhe o pranto, serenou-lhe a fronte.
Um secreto sentir lhe futurava
Revér Oscar; esta illusão—fagueira
Umaz vezes sorria-lhe, —outras vezes
Fugia-lhe da mente o doce engano.

IV

Os dias voam succedendo aos dias,
E descrevendo o circulo ordinario
Da luz o astro volve-se tranquillo.
Nem mais do velho pae Oscar aos olhos
Com o gentil parecer presta alegria.
Inda lhe resta Allán, do ancião consolo,
Por quem de amor emfim tomou-se Mora...
Todos os dons a prodiga belleza
Com dadivosas mãos no lindo gesto
Do irmão de Oscar profuzos espalhára.
« Oscar morreu; » Mora entre si dizia;
« E de Allán os encantos nada eguala.
E si inda vive o ingrato, uma outra virgem
Certo prendeu-lhe o coração voluvel. »
« Que um anno mais se escôe, » Angus torvava;
« Si tudo se acabou, não mais saudades
Escutarei de pae; eu mesmo o dia
Das bodas marcarei... Sereis unidos. »

Eis chega alfim o suspirado prazo;
Já longe vae o anno inquieto. O riso
Córa formoso o labio dos amantes.
Cantares nupciaes—sonoras trompas
E os echos encantados repetiram.
Como em dias festivos de outro tempo,
Adunam-se os guerreiros no castello,
Trajando galas, e inundando as vastas
Galerias soberbas. A alegria
Transpira-lhes na voz, como que folgam,
Das passadas tristezas deslembrados.
Que vulto é esse que ninguem conhece,
Cujo feroz semblante se destaca
Do jubilo geral,—como que imprime
Sombria côr ás chammas azuladas
Que saltam da lareira? Um manto negro
Cae-lhe, em vóltas, do hombro; em ondas rubras
Move-se-lhe o pennacho; a voz simelha
Primeiro ronco da tormenta ao perto,
Emquanto os passos mal o sólo roçam.
E' meia noite. A ta a cheia, rasa,
De mimoso licor, em torno gyra
A' mesa do banquete; libam todos
A' ventura do par formoso e joven,
E em grita acclamações, vivas, que alteiam,
Pelas amplas abobadas estrugem.

Eis subito o estrangeiro se levanta;
Paira em redor um funebre silencio;
De Angus no rosto espalha-se a surpresa;
Bate assustado o coração de Mora.
« Velho, » exclama o estrangeiro, « aqui libou-se
A' saude do esposo, e, tu bem viste,
Até eu satisiz á usança; eu mesmo
Bebi pela ventura de teu filho.
Pois bem! por minha vez proponho um brinde.
De Allán ditoso emquanto aqui as bodas
Ruidosos festejaes.... dize-me, ó velho,
Outro filho não tens? Oscar, o bravo,
Esquecido talvez... »

« Ai! » geme, e deixa
Correr o afflicto pranto o pae saudoso;
« Ai! quando Oscar desapareceu, no peito
Quasi meu pobre coração quebrou-se.
Tres vezes tem perfeito o sol o gyro
Do anno, desde que partiu meu filho.
Allán é minha unica esperança,
Depois que o bravo Oscar não está comnosco. »
« Em bem! » feroz replica, — e o olhar terrivel
De funereos clarões sulcava a sala;
« Em bem! Não se me dava, — que m'ó instiga
Curioso sentir, saber por onde
O destino de Oscar levou-o. Eu creio

Que esse heroe inda vive. Por ventura
Si os que lhe fossem charos evocassem
Seu nome, voltaria.— Errado apenas
Talvez vagueie ; —o fogo da alegria
Póde por elle flammejar de novo.
E, pois, enchamos rasa a taça, —em torno
Do banquete regyre ;—alto o declaro :
Do bravo Oscar ausente em honra brindo ! »
« De bom grado ! » lhe volve o velho, e a taça
Ergueu a trasbordar de vinho rubro.
« Brindo a meu filho, e, certo, morto ou vivo,
Outro filho jamais será como elle. »
« Bem fallado ! mui bem ! Mas porque ainda
Tremula a mão de Allán não leva aos labios
A taça ? Irmão de Oscar, porque vacillas ?
A' memoria do morto, eia, coragem !
Brinda ! com mão mais firme empunha a taça ! »
De Allán no rosto o bello colorido
Subito o empanna pallidez medonha ;
Gelidas gottas de suor lhe orvalham,
Como lethal humor, o corpo inteiro.
Com os labios vezes tres o copo tenta,
E os labios vezes tres provar recusam
Esse licor fatal ; —o olhar tres vezes
Do estrangeiro com o seu se encontra ardente,
Fuzilante de raiva e de ameaça.

« Então ! » brada-lhe aquelle, « assim acolhes
Saudades de um irmão chorado e charo ?
Si é tal do amor o effeito, qual o do odio ? »
Do accento mofador pungido se ergue
Allán, e a taça empunha, e exclama: « Possa
Oscar participar da nossa dita
E encontrar-se entre nós ! » Disse, e secreto
Frio sentir lhe cala intimo na alma ;
Das mãos foge-lhe o copo e se espedaça.
Subito surge pavidó phantasma,
Clamando: « E' elle ! é elle ! ou-o, distingo
A voz do roubador da minha vida ! »
« Assassino ! » as abobadas echoam;
Retreme o pavimento;—a tempestade
Ruge sobre o castello horrendamente.
Açoutadas do vento, as brancas velas
Silvam das tochas, pallidas estalam;
Batem de horror os corações dos bravos,
E o vulto estranho se esvaece.—Surge
Horrido espectro em negro manto envolto;
Pende-lhe ao lado espada formidavel;
Negro pennacho no seu elmo ondeia.
Medonha chaga no despido seio
Roxeia em sangue, gottejando ainda.
Dentre as geladas palpebras immoveis
Fuzilam-lhe os clarões do olhar sinistro.

Sorriu tres vezes com funereo gesto,
Os joelhos curvou ás plantas de Angus,
E tres vezes fitando Allán caído,
Carregou tremebundo o aspeito irado.
Rangem nos gonzos os ferrolhos duros,
As portas se entrechocam, zunem, troam,
Brame o trovão na abobada convulsa,
E o medonho phantasma, em meio ás nuvens,
Sobre as azas dos ventos desaparece.
Deixam a mesa os tremulos convivas.
O livido terror põe termo á festa.
Mas jazem no marmoreo pavimento
Dous corpos... Novamente a vida acordam
De Angus no cora-ção que emmudecera.
Em vão, porém, a luz de Allán aos olhos
Pretendem reclamar, —que já contados
Os dias seus estão:—viveu, está morto.

V

Fôra o corpo de Oscar abandonado
No escuro val de Gletanár; os ventos
Alli rojaram-lhe os cabellos negros,
E no peito ficára-lhe cravada
A setta aguda do homicida infame.
De onde veio o terrivel estrangeiro?

Quem era?—Ninguem sabe, e o viram todos.
—Era o espectro de Oscar—e o conheceram.
Desprendera-se a setta fraticida,
A que os demonios emprestaram azas,
Da mão de Allán, que a cupidez armára.
Fogo de inveja lhe brilhára na alma,
E vertera-lhe ao seio o crú veneno.
Rapida a setta sibilou-lhe do arco;
Oscar sente correr-lhe o sangue todo,
A pallida cabeça á terra inclina,
Sombra de morte bem depressa a envolve.
O coração de Allán não resistira
A's seducções de Mora. O orgulho delle
Aceso, combatido, alfin dobrou-se
Aos encantos da filha de Glenálvon.
O' Deus! porque hão de os olhos da belleza,
Que nos fallam de amor, levar as almas,
Captivas suas, á vingança, ao crime?

VI

Vedes além a campa solitaria
Que a fria cinza de um guerreiro encerra?
Ao clarão do crepusculo se avista:
E' o leito nupcial de Allán e Mora.
Longe daquelle malfadado sitio
Eleva-se o faustoso monumento,

Que os restos guarda da familia d'Alva.
No tumulo de Allán não desdobraram
Dos seus maiores as insignias nobres,
Do sangue fraternal humedecidas.
Que menestrel, que bardo encanecido
Cantará na sua harpa os altos feitos
Do assassino de Oscar? Os cantos da harpa
São da gloria a corôa mais formosa.
Mas quem pôde cantar um fraticida?
Não roce mão alguma as cordas da harpa,
Nenhum bardo célebre o nome, os feitos
Do fraticida infame! Atroz remorso
Gelára a mão ao menestrel;—sua harpa
Só produzira lugubres accordes.
Nenhum canto de gloria em lyra alguma
Seu nome redirá. Juncto ao seu tumulo
Do moribundo pae somente o echo
Repete a maldicção, carpindo a medo
Do irmão finado os ultimos accentos.



A POESIA MODERNA

A Pompilio de Albuquerque

O' candida poesia, ó virgem branca e pura !
Aguia do pensamento, errante, foragida !
Onde pairas, que em vão te anceia, te procura,
Sequiosa de luz, minha alma consumida ?
De que monte sublime, aos altos céus visinho,
Foste ouvir de mais perto os cantos sideraes ?
Que nova brisa embala o palpitante ninho
Dos novos ideaes ?

Envolve a tua fronte a tenebra sombria ?
Que ignota mão sustém o pomo do futuro
Sobre o abysmo do tempo, ó sancta poesia,
Que rebrame a teus pés, profundo, horrendo, escuro ?
Como, quando remuge a rabida tormenta,
Resvala a indocil náu aos fervidos parceis,
O' Arte,—rolarão na onda que rebenta
Teus validos pinceis ?

Poesia, onde estás ? Teu corpo voluptuoso
No bosque do ideal repousa adormecido,
Na alfombra que margeia o rio harmonioso,
Que beija-te chorando o tremulo vestido ?
Esmoreceu-te o somno a palpebra brilhante
Por onde irradiava a luz do teu olhar,
De que uma restea só talvez fôra bastante
Para o mundo salvar ?

Estancou-se o caudal fresquissimo e fecundo
Onde os bravos leões, batidos pela calma,
Vinhão humedecer o labio sitibundo,
E reviver de novo á sombra de tua alma ?
—Já não ouzam volver aos plainos devastados ?
O' sagrada vestal, é certo, pois, que em vão
Espreita o teu dormir, com os olhos encovados,
O estudo, teu irmão ?

Do mundo que desaba a poeira te suffoca ?
Das lepras sociaes minada surdamente,
Sentindo a vaza vir, cerraste a casta bocca,
E o rosto virginal voltaste descontente ?
—Oh ! não !—Voaste além, librada nos espaços,
De onde vibres melhor a tua ardente voz,
Emquanto a sociedade estorce-se nos braços
Da corrupção atroz.

Ergueste o vôo além — e viste das alturas,
Nas amplas espiraes do vasto precipicio
Torcerem-se do mal as victimas escuras,
A lucta das paixões, a colera do vicio ;
Depois, sobre um altar, com diamantinos cravos,
Tu viste um aureo Christo, enorme, preso á cruz,
E ouyiste soluçar nas trevas os escravos
Repellidos da luz.

O nedio aristocrata o corpo preguiçoso
Viste estirar, e abrindo a bocca enfastiada
Contractar sem pudor, com riso cavilloso,
O preço porque deve a honra ser comprada ;
A altiva Liberdade, a tua irman diyina,
Sophismada, negada;—e ouviste sussurrar
Da febre da vingança a onda purpurina
No peito popular.

Tu viste a populaça, amarellenta e nua,
No lodo da miseria exhausta se arrastando ;
Um prostibulo infame aberto em cada rua ;
A embriaguez a rir ; crean as soluçando;
O poder apoiando as pontas das espadas
Ao corpo social que verga-se ao grilhão,
E nota espavorido as fauces esfaimadas,
Que o fitam, do canhão.

Viste mais... E um tropel de Eumenides e harpias,
Minaz fermentação de ignivomo elemento,
Lançaste sobre o mundo em legiões sombrias,
Com o surdo horror do mar e as coleras do vento.
« Rœi da sociedade a vacillante baze !
Bradaste á inundaçào com labio varonil;
« O edificio fatal de uma só vez se arraze,
Desfeito em cinza vil ! »

E és hoje a grande luz da tempestade invicta !
De cada consciencia entraste nos arcanos,
E o militar venal e o ignobil jesuita
Ameaçam-te em vão com o sceptro dos tyrannos !
E's a deusa viril da Illyada sagrada !
E's o raio da paz com brados de trovão !
Empunhas da Justiça a lança immaculada,
E o escudo da Razão !

FIM

An
Esp
De
O
Es
N
T
L
T
T

INDICE

	<i>Pag.</i>
Americana	1
Espaço e tempo	5
Eternum carmen	7
Olhos azues	8
Esperança	9
Nocturno	11
Teus cabelos	14
Longe! Mais longe	16
Teus olhos	18
Teu nome	21

	<i>Pag.</i>
O rio da vida.....	23
Amor de princeza.....	24
A partida.....	26
Quando fôres ao baile.....	29
Pocira e lama.....	31
Ballata.....	34
Luz e pocira.....	37
A harpa.....	40
Presentimento.....	42
Embora!.....	44
O albatroz.....	46
A flôr e o luar.....	48
Adeus a meus amigos do Rio.....	49
Lyra.....	52
O deserto.....	54
Andaluza.....	56
D. Juan.....	58
Genesis espiritual.....	60
Lucida procella.....	62
Cantico dos bardos.....	64
A locomotiva.....	66
Sonho phantastico.....	68
O baptismo de fogo.....	70
O sonho do escravo.....	74
A liberdade.....	77

<i>Pag.</i>		<i>Pag.</i>
23	O selvagem.....	80
24	Mortos do coração.....	84
26	A calumnia.....	85
29	Anathema.....	87
31	Soliloquio.....	91
34	Crepusculo.....	98
37	Ruinas.....	99
40	Ao luar.....	100
42	A uns annos.....	118
44	Gethsemani.....	115
46	Oscar d'Alva.....	121
48	A poesia moderna.....	136
49		
52		
54		
56		
58		
60		
62		
64		
66		
68		
70		
74		
77		

